

Estúdio Beirute

Um espaço público em Beirute desenhado sobre ruturas

Proposta de reativação da Praça dos Mártires

João Miguel Véstia Canhão

Trabalho submetido para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura

Dezembro, 2022



*Um espaço
público em
Beirute
desenhado
sobre
Ruturas*



*Reativação
da
Praça
dos
Mártires*

Índice

Agradecimentos	8
Resumo Palavras-chave	10
Abstract Keywords	11
I. Introdução	
Objetos de Estudo e Objetivos.....	16
Estado da Arte.....	18
Metodologia e Estrutura.....	20
II. Área de Estudo	
Beirute Histórico.....	24
Tempos em Guerra.....	26
O Porto.....	30
A Explosão.....	32
II. Do Líbano a Beirute	
Beirute e as Ligações ao Médio Oriente.....	36
A Baixa de Beirute.....	42
II.I Viagem Temporal pela Praça dos Mártires	44
III. Trabalho de Grupo Concurso Internacional para o Porto de Beirute	
Walking Beirut	72
IV. Trabalho Individual Um espaço público em Beirute desenhado sobre Ruturas	
Mandato Francês.....	90
Estátua dos Mártires.....	92
Memória.....	100
Centralidade.....	102
Espaço de União e Liberdade.....	108
Sobreposição Histórica.....	114
Proposta de reativação da Praça dos Mártires.....	118
V. Conclusão	148
VI. Bibliografia	
Referências Bibliográficas.....	152
Referências de Imagens.....	154

Agradecimentos

Este é o grande momento da minha vida até agora e por isso tenho de valorizar todos aqueles que me ajudaram e contribuíram para que de certa forma fosse possível a realização desta investigação académica. Um percurso que foi possível percorrer depois de muito trabalho para atingir os objetivos pretendidos, que sempre foram ambiciosos, algumas vezes possíveis de concretizar, outros nem tanto.

Mas a vida é feita de altos e baixos, por isso faz parte do percurso de cada um, para nos fazer crescer mais um pouco.

O gosto pela Arquitetura é algo que nos faz valer tudo isso.

Quero agradecer à Professora Mónica Pacheco e ao Professor Ricardo Camacho, por me terem proporcionado uma experiência diferente na Arquitetura, poder adquirir novos conhecimentos e acabar o curso com um ano muito feliz.

Um obrigado a todos os Professores que me acompanharam desde início neste percurso pela Instituição do ISCTE. Muito Obrigado pela forma como me receberam nesta Instituição.

Por fim, quero agradecer a todos os meus colegas e amigos que me deram força e motivação para nunca desistir do que fosse.

A minha família teve sempre um papel importante durante a minha viagem académica e por isso tenho que dizer que são os meus pilares que me ajudaram para que antigisse o sucesso.

Um obrigado a todos.

RESUMO

Beirute, tornou-se capital do Líbano quando ganhou a independência de França em 1943. Permaneceu como uma cidade consolidada até ao culminar na Guerra Civil Libanesa (1975-1990) e, foi durante este período principalmente, que a cidade se tornou numa referência do médio oriente e ponto estratégico de fluxo económico a nível global.

Hoje, o contexto de guerra e de acontecimentos marcantes na história do Líbano influencia a maneira como a população vive a cidade e o próprio condicionamento militar impõe um certo poder sobre a comunidade, que não se sente livre na apropriação das zonas públicas da cidade.

Depois da Guerra Civil, a empresa *Solidere*¹, uma empresa privada, investiu e propôs a reconstrução do centro da cidade como um sinal de paz e união. Este plano tinha como objetivo o redesenho da paisagem e do espaço público e privado da cidade, no entanto, resultou em muitos espaços de carácter público sem uma função aparente e que não são usados no dia-a-dia pela população.

Adicionalmente, as vias rodoviárias superiorizaram-se no desenho urbano, o que fez com que haja uma maior desconexão entre estes espaços e a cidade, onde muitas vezes o acesso é dificultado.

Assim sendo, a minha investigação tem como objeto de trabalho a procura da melhor resposta para a reativação de um espaço, que outrora, tinha uma importância fundamental para a cidade e para a população. Neste contexto parece ser importante questionar o porquê do insucesso da implementação destas zonas na malha urbana e também o facto de nunca terem avançado com uma intervenção na Praça dos Mártires.

Keywords

Reconstrução | Paisagem | Espaço Público | Acontecimentos | Praça dos Mártires

1. Solidere, A Empresa Libanesa para o Desenvolvimento e Reconstrução do Distrito Central de Beirute, fundada a 9 de Maio de 1994. Seguiu a visão do Primeiro Ministro na altura, Rafik Hariri.

ABSTRACT

Beirut became the capital of Lebanon when it gained independence from France in 1943. It remained a consolidated city until the culmination of the Lebanese Civil War (1975-1990) and, it was mainly during this period, that the city became a reference in the middle east and strategic point of economic flow at global level.

Today, the context of war and important events in the history of Lebanon influence the way the population lives in the city and the military conditioning itself imposes a certain power on the community, which does not feel free to appropriate the public areas of the city.

After the Civil War, the *Solidere* company, a private company, invested and proposed the reconstruction of the city center as a sign of peace and unity. This plan aimed to redesign the landscape and the public and private space of the city, however, it resulted in many public spaces without an apparent function and which are not used on a daily basis by the population.

Additionally, roadways have become superior in urban design, which means that there is a greater disconnection between these spaces and the city, where access is often difficult.

Therefore, my investigation has as its object of work the search for the best answer for the reactivation of a space, which in the past was of fundamental importance for the city and for the population. In this context, it seems important to question the reason for the failure to implement these zones in the urban fabric and also the fact that they never proceeded with an intervention in Martyr's Square.

Keywords

Reconstruction | Landscape | Public Space | Events | Martyr's Square

I. INTRODUÇÃO

OBJETOS DE ESTUDO E OBJETIVOS

A **Praça dos Mártires**, uma praça situada na Baixa de Beirute, sendo que nesta zona acredita-se que é composta por 17 camadas históricas sobrepostas de diferentes épocas entre elas: Cananeu, Fenícia, Persa, Helenística, Romana, Bizantina, Omíada, Abássida, Cruzada, Mamelucos, Otomana, Francesa, Árabe, entre outras; que lhe oferece um valor histórico evidente.

No período do Pré-Guerra, a **Praça** que se denominava como *Place des Canons*², impulsionou a economia libanesa por se ter desenvolvido como um nó cultural, social e político importante do país, no entanto, eventualmente acabou por se tornar num grande espaço vazio. O cinema *Rivoli*³, que outrora fazia limite com o porto, foi demolido para criar uma ligação visual com o mar. A Estátua dos **Mártires** e as ruínas romanas e gregas são presenças marcantes que condicionam o local, tal como a estrada até *Damascus*⁴, uma das principais vias do Líbano.

Nos dias de hoje, a **Praça** tem pouca dinâmica, ao contrário do que acontecia antigamente, quando tinha um programa comercial e turístico que intensificava a vida no espaço. O valor cultural que este local transmite é digno de todos e de todas as religiões ao ser um espaço de liberdade e união.

Esta **Praça** poderá conter diferentes ações programáticas, temporárias ou não, consoante as necessidades da população, dos países vizinhos ou a uma escala maior, em situações de crises globais e respeitar a história deste local.

A procura por uma resposta da relação com a frente de mar e a doca que pertence à Base Naval, será uma constante que acompanha todo o processo de investigação. Já a proposta, pretende definir um limite rigoroso do espaço de **Praça** e representar os diferentes cenários que poderá ter este espaço, tendo em conta o que já foi outrora, o que é e o que será no futuro.

O objetivo é devolver à cidade a importância de centralidade e da **paisagem** que o espaço ainda tem e o grande eixo de Beirute que liga o *Monte Líbano*⁵, *Nabatieh*⁶ e *Beqaa*⁷, àquelas que são algumas das zonas montanhosas do Líbano.

2. Segundo nome dado à praça durante o Império Otomano, devido à presença de canhões russos no local durante a Guerra da Crimeia.

3. Edifício construído em 1953, no antigo local do Petit Serail (antigo edifício). Foi demolido em 1994.

4. Capital da Síria.

5. Zona rural e montanhosa do Líbano.

6. Cidade localizada no sul do Líbano, a quinta maior cidade do país.

7. Beqaa, é um vale bastante fértil no leste do Líbano e a zona agrícola mais importante do país.

ESTADO DA ARTE

Antes de poder começar a analisar o contexto em que este lugar se insere, é necessário entender o significado de **Praça** e como o mesmo influencia o espaço público.

Este espaço tem uma marca impactante no desenho da cidade de Beirute e, por isso, é importante entender como devolver o sentido de **Praça** Pública a este local. No livro *In Search of New Public Domain* é referido isso mesmo, “espaços com forte significância pública, espaços que as pessoas se identificam, que fazem parte da identidade urbana da cidade”. (1)

O facto de este lugar ser um **espaço público** e não um espaço privado, abrange uma esfera ao nível da sociedade e não de um grupo restrito de pessoas, logo, terá de ir ao encontro das necessidades da população e ter um desenho que respeite a urbanidade existente. Posto isto, devemos questionar o porquê deste espaço ter uma função central na cidade, mas não ser apropriado como tal.

O conceito de “*non-place*”⁸ identifica-se com este lugar, pois é um vazio que ocupa a cidade, que é lembrado pela **memória** dos acontecimentos do lugar. Também não está bem definida em que “geografia cultural” se insere, pois existe uma diversidade de programas de áreas distintas: religiosas, comerciais, habitacionais e setores privados.

Estes espaços têm significados específicos para um grupo significativo da população ou mesmo podem revelar alguns novos significados, ainda “escondidos” na identidade do local, como é referido no livro, os “*non-place*” têm dificuldade em assumir uma identidade ou são difíceis de definir a nível social e histórico. Este tipo de espaço urbano acaba por causar na população “medos e ansiedades, ambições e sonhos”, que para o espaço público social é um caminho difícil de percorrer; por consequência irá influenciar as visões da sociedade em relação ao espaço e à sociedade em si.

8. Espaços que não possuem significado suficiente para serem considerados “lugares” em sua definição antropológica. Neologismo afirmado pelo antropólogo francês Marc Augé.

METODOLOGIA E ESTRUTURA

Os objetivos da investigação são importantes para explicar a hierarquia no espaço, por isso deve haver uma consideração quando se redesenha a Praça dos Mártires. Interessante é pensar que apesar de serem ambições de contextos diferentes, elas se ligam pela história do local; o que nos leva a refletir o que define o espaço no presente.

Dito isto, o trabalho acaba por se dividir em duas categorias de importância e com um objetivo bem definido. Na primeira categoria inserem-se os seguintes temas: o simbolismo dos **Mártires** e os programas envolventes da cidade. Na categoria acima e de maior consideração inserem-se os seguintes temas: manter a identidade do local, conectar o espaço da **Praça** ao mar e conseqüentemente ao resto da cidade e estabelecer a relação com as pré-existências no local. Estes temas convergem para a finalidade de valorizar a sobreposição histórica existente no local, tanto a que é visível como a que não é visível aos nossos olhos, mas temos conhecimento dela segundo os registos historiográficos.

Logo a proposta tem em vista a reativação desse espaço da **Praça**, que outrora era o grande centro da cidade e, de certa forma, estudar como referência o que de relevante se fez antigamente e o que realmente tinha importância para a população, como por exemplo os estudos que se fizeram para a reativação do “Grande eixo de Beirute”⁹.

9. Um eixo urbano que entra pelo centro da cidade de Beirute e que a liga ao Monte Líbano.

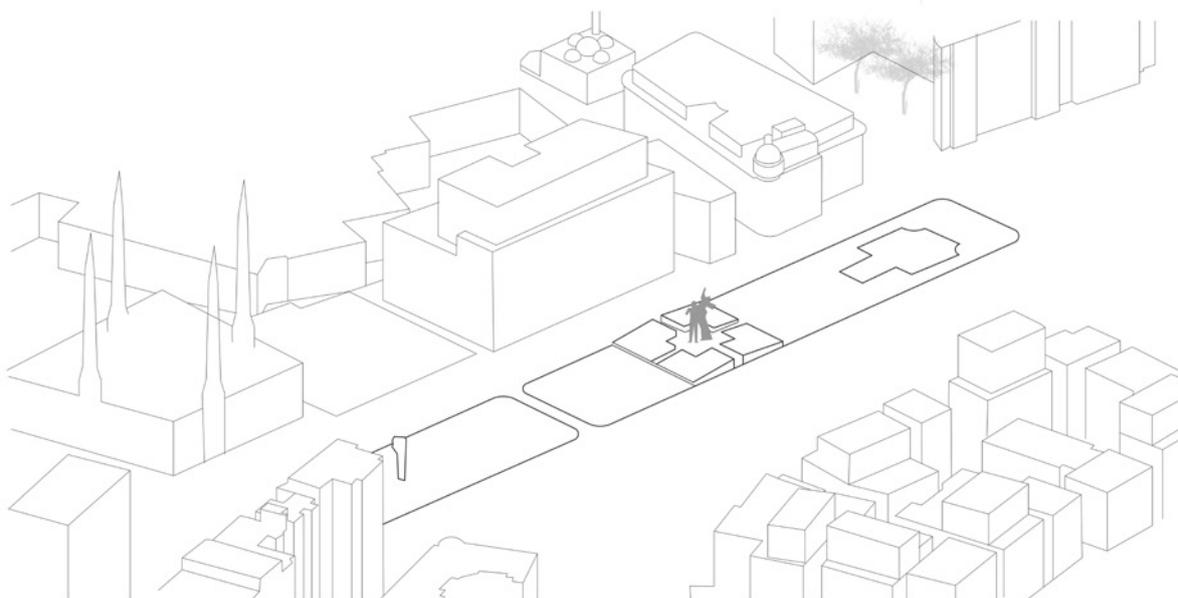
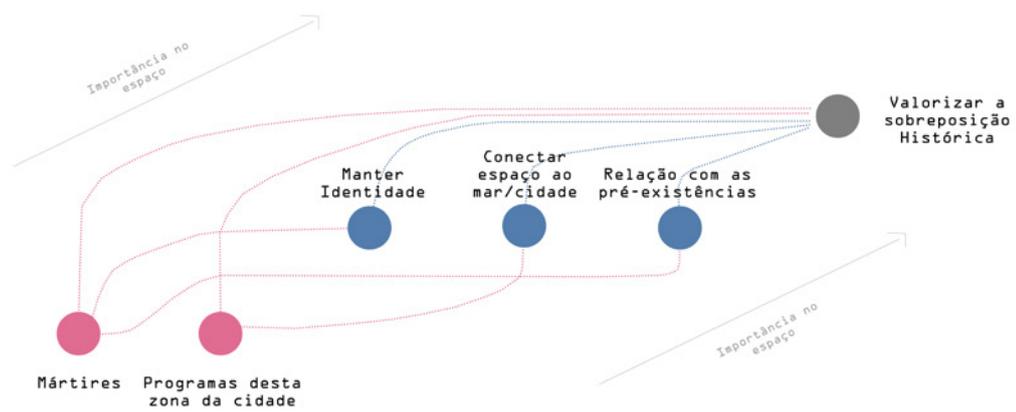


Fig.1. Desenho elaborado pelo autor

I.I Área de Estudo

BEIRUT HISTÓRICO

“Uma tradição diz que a cidade de Beirute foi construída pelo Deus *Illion*¹⁰ que casou com uma Deusa chamada Beirute. Essa referência está nas cartas de *El-Amarna*¹¹, na qual *Ammunira*¹², um Fenício de *Akhenaton*¹³ (1379-1362 a.c), mencionava as qualidades de Beirute”(2). Durante o período Bizantino (330-634 d.C) a cidade era composta por vários elementos de água como fontes naturais, foi chamada pelos fenícios de “*Beroth*”, que significava “cidade das fontes”; e assim os fenícios ficaram impressionados com a cidade.

“A 9 de Julho de 551 d.C, um terramoto destruiu Beirute, as igrejas, templos, teatros e palácios foram destruídos”. Ainda hoje se diz que não se consegue construir uma fundação sem encontrar vestígios desse **acontecimento.**”(3)

Nas descrições de Beirute antes de 1860, esta era de uma pequena cidade medieval fortificada com 7 portões principais e 50 hectares de jardim. Os primeiros sinais de urbanização só se começaram a sentir depois de 1860. *Volney*¹⁴ visitou Beirut em 1773 que descreveu a cidade como uma pequena localidade com 6 mil pessoas; não houve um aumento populacional até 1830. O núcleo central da cidade foi-se construindo a partir do porto e da zona que hoje chamamos a Baixa, com duas torres altamente vigiadas por guardas. Como muitas cidades europeias antes da industrialização, as pessoas em Beirute viviam e trabalhavam na mesma zona e as rotinas eram praticamente no mesmo bairro, como se de uma “comunidade autossuficiente” se tratasse.

“Os viajantes por volta de 1930 começaram a chamar Beirute, “Paris do Médio Oriente.” Rapidamente o crescimento populacional começou-se a verificar. “Uma cidade com casas lindíssimas, residências de verão, hotéis e cafês”(4); uma imagem de uma cidade requintada. Os padrões de crescimento do edificado e também a expansão vertical começou por volta de 1950, depois da “onda” de refugiados palestinos, a instabilidade política nos países vizinhos e o influxo de capital dos estados do Golfo; os estrangeiros e os Franceses principalmente vieram investir no setor imobiliário e na construção civil, o que gerou por vezes um crescimento descontrolado.



10. O mito de um Deus troiano.

11. Uma localidade que funcionou como capital do Antigo Egito construída pelo faraó Aquenátón, perto do Rio Nilo.

12. Rei de Beirute em meados do século XIV a.C.

13. Cidade sagrada, que foi capital do Egito durante o governo do faraó Akhenaton, construída em 1370 a.C

14. Designação da cidade de Beirut nos tempos dos Fenícios, depois de 1500 a.C.



Fig.2. Porto de Beirute, 1900.

TEMPOS EM GUERRA

Durante 5 séculos desde 635 até 1110, o território foi ocupado pelos Árabes, que depois desse período foi roubado pela Primeira Cruzada, Beirute ficou devastada. Mais tarde, em 1151, foi a vez dos egípcios se intrometerem na conquista pelo território e estiveram em guerra até 1187. Alguns anos depois “A história confirma também que houve um enorme declínio da cidade durante 1291 até 1516, por domínio dos Mamelucos.” (5).

Mas foi depois que uma civilização se acabaria por impor, o Império Otomano em 1516 conquistou muito território e conseguiu revitalizar e expor o crescimento da cidade até à data de 1918. Durante o império otomano, a criação do Conselho Municipal, em 1878, proporcionou uma série de políticas urbanas específicas, como o imponente *Grand Serail*¹⁵, a torre do relógio, o quartel militar e o hospital na colina de *Kantari*¹⁶. O plano significava abrir a cidade velha para os bairros e implementar novos espaços públicos através de praças, parques e fontes. Por volta de 1772, outro acontecimento iria marcar a história de Beirute, com a Guerra da Crimeia, quando os russos atacaram a cidade. Um ataque mais devastador em 1841 pelas forças de Inglaterra, Áustria e Turquia, deixou a cidade novamente em ruína.

15. Edifício importante no centro de Beirute que representava a organização militar otomana. O seu nome significava, a “Nova Ordem”.

16. Rua de Beirute localizada perto do bairro de Al Zarif e da rua Clemenceau.





Fig.3. Imagem da Guerra Civil em Beirute. 1975.

“Mais tarde, em 1912, a 1ª Guerra Mundial, os Italianos em Guerra com a Turquia atacaram Beirute pelo mar.” (6). Durante a 2ª Guerra Mundial, Beirute esteve sobre o controlo dos Franceses até à data da sua independência em 1941.

Mais tarde surgiria a crise do Líbano de 1958 (também conhecida como a Guerra Civil Libanesa de 1958) que foi uma crise política causada por tensões políticas e religiosas no país que levaram a uma intervenção militar dos Estados Unidos. A intervenção durou cerca de três meses até que *Camille Chamoun*¹⁷ completou o seu mandato como presidente do Líbano. As forças militares do governo americano e libanês ocuparam o Porto de Beirute e o Aeroporto Internacional de Beirute.

A (segunda) Guerra Civil Libanesa teve um grande impacto na história do Líbano. O conflito entre forças maronitas, cristãs e palestinas começou em 1975. Grupos libaneses esquerdistas, muçulmanos e árabes formaram uma aliança com os palestinos no Líbano. As potências estrangeiras, como Israel e Síria, também se envolveram no acontecimento. O Acordo de *Taif*¹⁸ de 1989 marcou o início do fim da guerra. Em janeiro de 1989, um comité nomeado pela Liga Árabe estava destinado a encontrar soluções para o fim do conflito. A maio de 1991, todas as milícias no Líbano foram esquecidas, com exceção do *Hezbollah*¹⁹, enquanto as Forças Armadas Libanesas começaram-se a reconstruir como a única instituição não sectária do Líbano. As tensões religiosas entre sunitas e xiitas permaneceram após a guerra.

17. Presidente do Líbano entre 1952 e 1958, líder cristão maronita durante a Guerra Civil do Líbano de 1975 e criador do Partido Nacional Liberal.

18. Acordo de Reconciliação Nacional para pôr o fim da Guerra Civil.

19. Conhecido como “Partido de Alá”, é uma organização política e paramilitar fundamentalista islâmica xiita fundada no Irão.



Fig.4. Praça dos Mártires durante a Guerra Civil em Beirute, 1982.

O PORTO

A construção do cais do Porto foi necessária para responder ao crescente tráfego marítimo, como todas as outras infraestruturas realizadas ao longo da segunda metade do século XIX (instalações portuárias, as linhas de ferro para *Damascus*, Hospitais, a *Karentina*²⁰. A ligação de *Damascus* com o Mediterrâneo possibilitou também o fluxo de mercadorias para o resto do mundo.

As primeiras instalações portuárias, em 1840, não tinham uma arquitetura duradoura e resistente, por isso não resistiram aos bombardeamentos causados por uma frota europeia aliada aos Otomanos, que tinham como objetivo derrubar *Ibrahim Pasha*²¹ para conquistar o território libanês. Os Otomanos estavam cientes das fragilidades das instalações portuárias, mas foram muito lentos na reconstrução das mesmas consoante o elevado tráfego portuário. Em 1863 o porto estava a ser utilizado por sete rotas marítimas e por isso os otomanos construíram um pequeno cais para dar resposta ao tráfego, mas pouco adiantou. Uma série de sucessivos invernos ruins e epidemias atrasou a conclusão do cais do Porto até outubro de 1894. Teria sido pensado a construção de um cais de 800 metros, um novo e imponente marco de seu legado marítimo”, que facilitaria o embarque para navios de maior porte.

Uma empresa francesa recebeu a encomenda para expandir as instalações portuárias de Beirute e construir um cais paralelo à costa, em 1890. Cinco anos depois, outra estrutura imponente, a construção da estação ferroviária de Beirute, *Charles Helou*²² que culminou com as duas últimas décadas do século XIX da expansão da construção, particularmente por parte da burguesia; ansiosos para construir as suas casas e vilas exclusivas nos arredores da cidade.

“Durante o período do Mandato Francês, a partir de 1925, submeteram o porto a novos desenvolvimentos como a construção de um novo cais de 450 metros. Foi a partir dessa época que o porto, à semelhança de outras cidades marítimas mediterrânicas, começou a consolidar-se como ponto de forte influência marítima e definidor de uma cidade emergente. Junto ao porto começaram a surgir alguns ícones arquitetónicos relevantes para a cidade, como a *Praça Khan Antoun*²³.” (7)

Quase 100 anos depois houve um **acontecimento** que colocaria Beirute novamente “nas bocas do mundo” pelas piores razões.

20. Área residencial na parte oriental da Beirute, antigamente tinha sido uma antiga zona de imigração em quarentena em 1951.

21. Primeiro grão-vizir (primeiro-ministro) do Império Otomano.

22. Antiga estação ferroviária de Beirut, agora ao abandono, no entanto a ser vigilada por militares ao comando do governo.

23. Praça junto ao Souk de Beirut, na zona da Baixa.



Fig. 5. Porto de Beirute em 1930

A EXPLOSÃO

A explosão 4 de agosto de 2020 teve um efeito mais impactante na população e no mundo. Com epicentro na zona do porto, mais propriamente nos silos de cereais, conseguiu atingir bairros inteiros, muitas pessoas ficaram sem nada e a cidade acabaria por se tornar quilómetros e quilómetros em ruína. Interessante será pensar que estes acontecimentos geram esferas públicas diferentes, que geram alterações físicas e materiais. É importante perceber como os espaços socioculturais ganham novos significados.

A **Praça dos Mártires** tornou-se num local de ajuda à população, com a construção de tendas para apoios hospitalares e locais de venda de comida. Os hospitais enviaram algumas carrinhas para a **Praça** para socorrer doentes com ferimentos graves. Depois disso os libaneses permaneceram durante dias como forma de protesto, tendo alguns ficado durante a noite. As pessoas voltaram à rua em outubro, a praça encheu-se por completo de protestantes contra o governo e os xiitas de *Hezbollah* que controlavam o Porto. “A explosão em Beirute é a bomba-relógio de um sistema”. (8)



Fig. 6. Praça dos Mártires, 2020



Fig. 7. Praça dos Mártires, 2020



Fig. 8. Porto de Beirute, 2020

II. DO LÍBANO A BEIRUT

BEIRUT E AS LIGAÇÕES AO MÉDIO ORIENTE

Tal como outras colónias romanas, Beirute estava desenhado sobre um plano ortogonal com dois eixos principais, *Decumanus Maximus*²⁴ e *Cardo Maximus*²⁵, organizando a cidade em quatro quarteirões que se mantêm ainda no desenho moderno dos dias de hoje.

Em 1863, a estrada que ligava Beirute a *Damascus* (planeada em 1851) foi concluída por uma empresa francesa, fortalecendo assim a ligação à Síria e o território além do Monte Líbano e da costa libanesa. Esta estrada, também conhecida por *Decumanus Maximus*, é um vestígio do antigo império romano, tornou-se mais visível ao “dividir” a cidade de leste a oeste: de *Bab Edriss*²⁶ a *Bab Ex Saraya*²⁷.

*Michel Ecochard*²⁸, um proeminente especialista francês em planeamento urbano do Médio Oriente, lançou um plano diretor, em 1944, para reestruturar a cidade de forma a organizar os eixos principais de Beirute. Apesar das suas desvantagens, o plano foi a primeira tentativa de incorporar os subúrbios em expansão. O seu objetivo seria conectar *Nahr al-Mout*²⁹, no norte, para *Ouzai*³⁰, no sul, no esquema. Também previa um segundo grande eixo dentro da cidade, indo de leste a oeste, perpendicular à estrada de *Damascus*. No fundo a proposta tinha em consideração a hipótese de as estradas encaminharem para o centro da cidade e vice-versa, sendo que algumas estradas eram desenhadas para circular fora do limite de Beirute. Algo que se destacou na altura, foi ele ter desenhado o primeiro estudo que abrange o uso do solo e zoneamento, propondo distinguir a zona industrial da zona comercial (fig.43). O fracasso em implementar as propostas de *Ecochard* foi consequência do influxo de refugiados palestinos que inicialmente se estabeleceram na periferia sul de Beirute.

24.Designação de rua, no tempo dos romanos, que ligava a zona este a oeste da cidade.

25.Designação de rua, no tempo dos romanos, que ligava a zona norte a sul da cidade.

26.Rua antiga a oeste da cidade, que deu o nome a uma praça importante.

27.Antigo pórtico para a cidade antiga durante o Império Otomano, este acesso era feito apartir da Praça; um dos 6 pórticos mais importantes da cidade.

28.Arquiteto e urbanista francês que participou no planeamento urbano de Casablanca.

29.Zona a nordeste de Beirute.

30.Zona a sul de Beirute perto do Aeroporto.



Fig. 9. Mapa do Líbano, com a Estrada para Damascus destacada. Elaborado pelo autor

A BAIXA DE BEIRUT

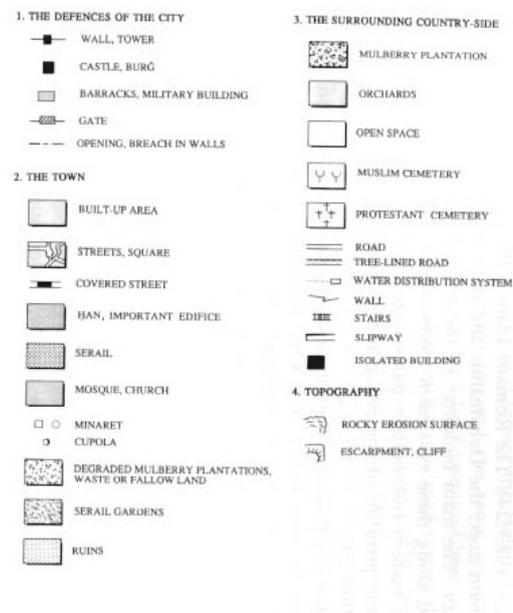
A história da destruição de Beirute, particularmente a repetida devastação do seu centro, permanece repleta de complexidades. As batalhas mais enigmáticas aconteceram no centro histórico da cidade, tornando-se o espaço mais cobiçado e mais difamado. “Apoderar-se do centro oferecia claramente a oportunidade histórica de recuperar sua contestada identidade e as perspectivas de redefinir os contornos da sua futura e renovada imagem nacional”(12). Portanto, não foi coincidência que as primeiras batalhas em 1975 começaram pelo controle do centro da cidade e depois se estenderam para os restantes bairros criando a “Linha Verde” ao longo da estrada de *Damascus*, dividindo Beirute em duas: Beirute Oeste muçulmana e Beirute Este cristã.

Embora concebido como um bairro central, o seu caráter sugere um espaço bastante aberto e arejado. “Com efeito, cerca de metade da superfície total (ou seja, cerca de 876.000 metros quadrados) é contabilizada como espaço público, dos quais cerca de dois terços são estradas e o terço restante é espaço público aberto.” (9)



Fig. 10. Praça dos Mártires, 1960

A cidade de Beirute no período Otomano, antes de 1860 era resguardada através da muralha composta por pórticos que eram as entradas para a cidade, abertos durante o dia e encerrados durante a noite. Não se sabe ao certo o número de portões da cidade, já que no mapa de *May Davies*³¹ são identificados seis portões e segundo *Fouad Debbas*³² existiam sete. “As denominações dos portões eram consoante as identidades que ocupavam essa zona da cidade e a função que desempenhavam” (10). Duas torres de 25 metros de altura que eram os edifícios mais altos de Beirute, funcionavam como um reforço da segurança, que no caso de uma possível ameaça, tochas eram acesas no topo dessas torres. *Bab El Saraya*, era a entrada principal para a cidade, localizado perto do Palácio *Emir Fakhr Eddine*³³ (um dos lugares mais frequentados), sendo também um ponto de encontro para plebeus. O extremo sul da muralha é identificado como o mais bonito e imponente. É o portão, aparentemente, que *Ibrahim Pasha* usou quando entrou vitorioso na cidade em 1831. Por causa de sua proeminência, este é também o único portão que era mantido aberto à noite. *Bab Yacoub*³⁴ ficava a sudoeste da muralha construída por *Ahmad Pasha al-Jazzar*³⁵ no início do século XIX. Um certo *Yacoub Kesromani*³⁶ vivia em cima do portão, e por isso essa entrada recebeu o seu nome. Em frente a *Bab El Saraya*, na frente leste, ficava *Bab Edriss*, em homenagem à família *Edriss* que deve ter sido construído na sua casa. Anos depois, *Bab Edriss* deu acesso aos bairros ocidentais da cidade, como *Minet El Hosn*³⁷, *Zokak al Blat*³⁸, *Ain Mraisse*³⁹, *Sanayeh*⁴⁰, *Hamra*⁴¹ e *Ras Beirut*⁴². Finalmente, na ponta norte ficava *Bab Es Santiych*⁴³, que dava para o cemitério muçulmano, chamado *Santiych*.



31. Homem que estudou a antiga cidade de Beirute e o seu desenho.
 32. Engenheiro influente do Líbano, que produziu cartões postais e fotos antigas do Líbano e do Oriente Médio.
 33. Supremo emir druso do Monte Líbano da dinastia Ma'n, um governador otomano de Sidon-Beirute e Safed.
 34. Antigo portão mais a sul da cidade.
 35. Antigo governador otomano de Sidon.
 36. Provavelmente um cidadão conhecido pela população.
 37. Rua junto à frente marítima.
 38. Nome colonial dado à rua que se estendia da cidade velha até a colina Qantari.
 39. Zona situada na linha costeira e a Corniche.
 40. Zona oeste da cidade que incorpora um dos espaços públicos mais importantes da cidade.
 41. Uma dos bairros mais históricos da cidade, a nível de entretenimento, artístico e comercial. Liga a zona central à zona costeira, a Corniche.
 42. Significa “Ponta de Beirute”, é um bairro de classe alta em Beirute. Aqui estão localizadas as duas grandes Universidades: American University of Beirut (AUB) e a Lebanese American University (LAU).
 43. Antigo pórtico junto ao porto a oeste da cidade.

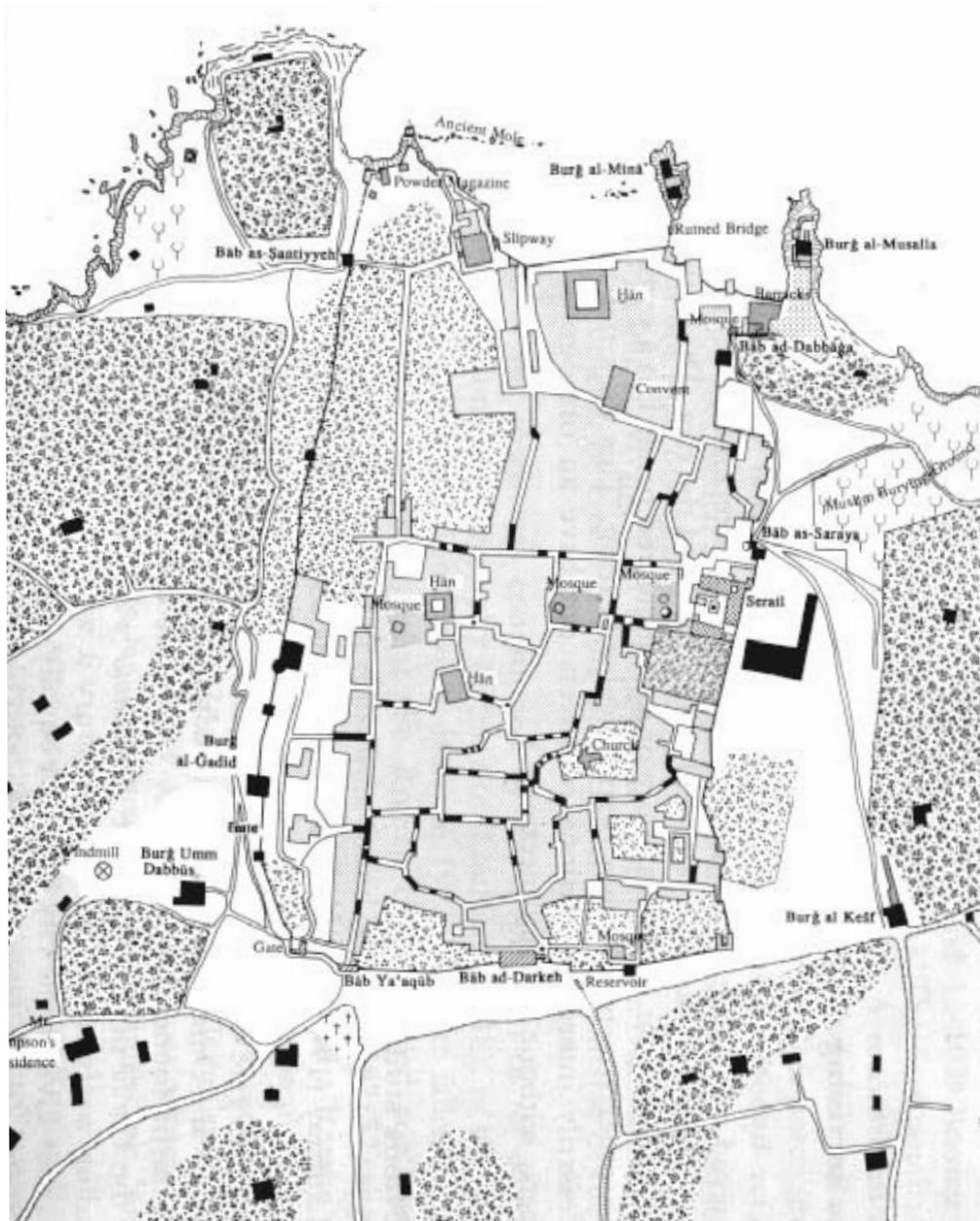


Fig.11. Planta da Baixa de Beirute, 1840

Entre as suas torres de vigia e muralhas medievais, destacam-se três outras impressionantes fortalezas e fortificações. Primeiro, havia *Bourj al-Hashesh*⁴⁴, uma fortaleza na ponta nordeste da muralha. Por comandar o porto, oferecia uma localização estratégica para proteger a entrada do porto. Hoje é visto como um lugar arqueológico e aguarda a incorporação no concurso internacional previsto para a reabilitação da **Praça dos Mártires**. Outro forte a oeste, foi *Bourj al-Jadid*⁴⁵ (literalmente, a Nova Fortaleza) no topo da colina onde o *Grand Serail* foi construído em 1853. Finalmente, e talvez mais significativamente, dadas suas transformações históricas ao influenciar o que viria a dar nome à **Praça** central, era *Bourj al-Khashef*⁴⁶ na ponta sudeste da muralha. Por um tempo, a **Praça**, foi chamada assim até a torre ser demolida em 1874 para dar lugar à reconstrução da nova **Praça**, *Place des Canons*.

44. Primeira torre à vista para quem chegava ao porto.

45. Uma das duas torres à vista para quem chegava do mar.

46. Torre antiga situada na Praça, que permitia ter uma visão privilegiada sobre o porto.

II.1 VIAGEM TEMPORAL PELA PRAÇA DOS MÁRTIRES (II)

Este trabalho teve como objetivo a recolha máxima de informação consoante um tema que nos fosse interessante e que se pudesse interligar com o resto da investigação. Um “Atlas” realizado por toda a turma que permitisse o cruzamento de ideias e o enriquecimento do conhecimento acerca do Líbano e de Beirute.

Agriculture and livestock in Beirut, the problems of imports- Tiago Neves

Appropriation as a barrier - Adriana do Carmo

A City by the Sea - Beatriz Portugal

Access Infrastructure - Paulo Saiote

Obsolete Sectors obsolescence - Carolina Viegas

NGOs in Lebanon – Ikra Seymen

Military Influence in Lebanon - Afonso Cardoso

Buildings Abandonment - Diogo Maia

Megastructures, megaforms and the mountain - Rita Catarino

Waste Landscape - Carlota Garcez

Memory in Ruins | Lebanon on Rail - Anastasiya

The Arch in lebanese architecture - Duarte Leal

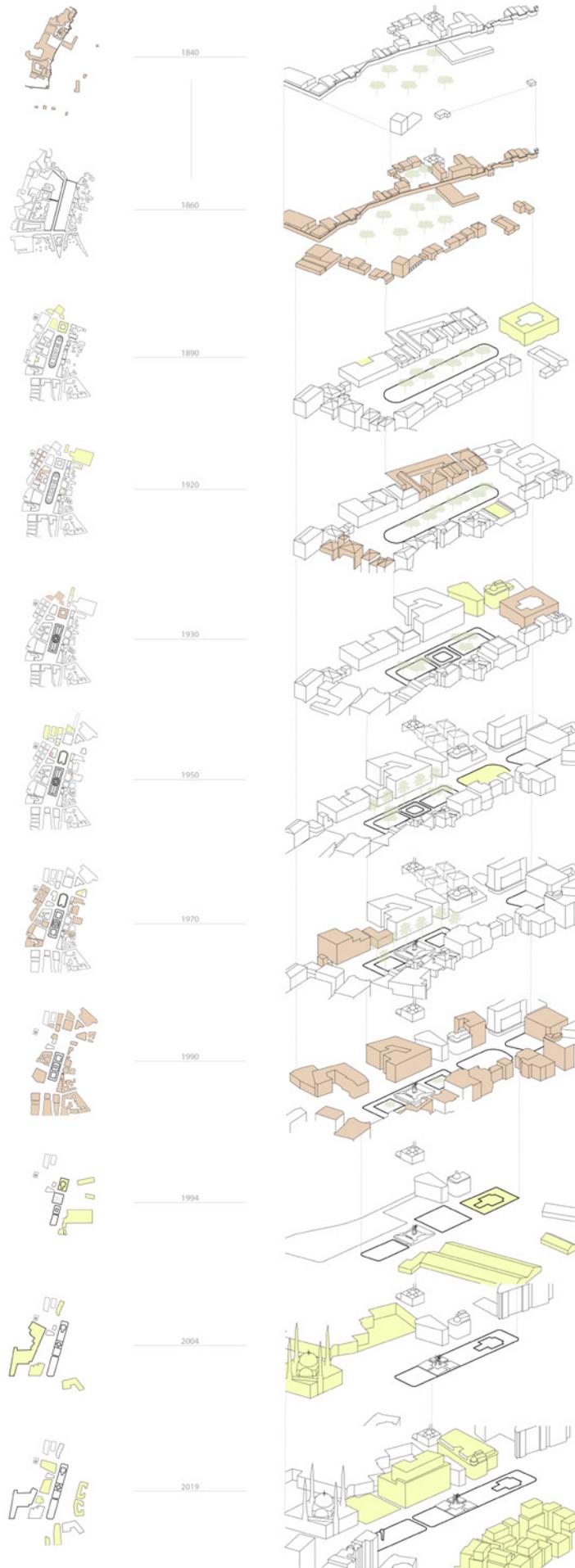
Beirut Cruises - Lázaro Raposo

It all comes around food - Luísa Morais Sarmiento

Ferry terminal, a of the solutions to transportation problems - Ismail Haki

Time Travel Through Martyr’s Square - João Canhão

Desenhos do capítulo elaborado pelo autor com base na informação da referência 11.



Edifícios demolidos ou destruídos 

Edifícios construídos ou restaurados 

Fig. 12. Camadas Históricas da Praça dos Mártires



Fig. 13. Espaço do porto em frente à Praça Bourj em 1840. Pintura de Leander Russ.

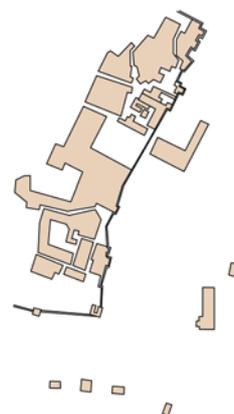


Fig. 14. Planta da Praça em 1840

1840

A **Praça** na sua forma mais antiga era um espaço livre, um campo aberto a leste das muralhas fortificadas de uma cidade entremuros. Com sua torre de vigia, *Burj el Kashef*, nomeando-a como *Sahat al Burj*, como referido anteriormente. O campo aberto era como um campo de treino militar e uma paragem ocasional do viajante, uma porta de entrada para a cidade do Leste. Nas colinas orientais, casas e pomares se erguem, depois que a cidade começou a crescer para fora de suas muralhas em 1840. Em suas muralhas orientais, um portão principal *Bab El Saraya* permitia a entrada na cidade velha, junto ao Palácio *Emir Fakhr Eddine*.

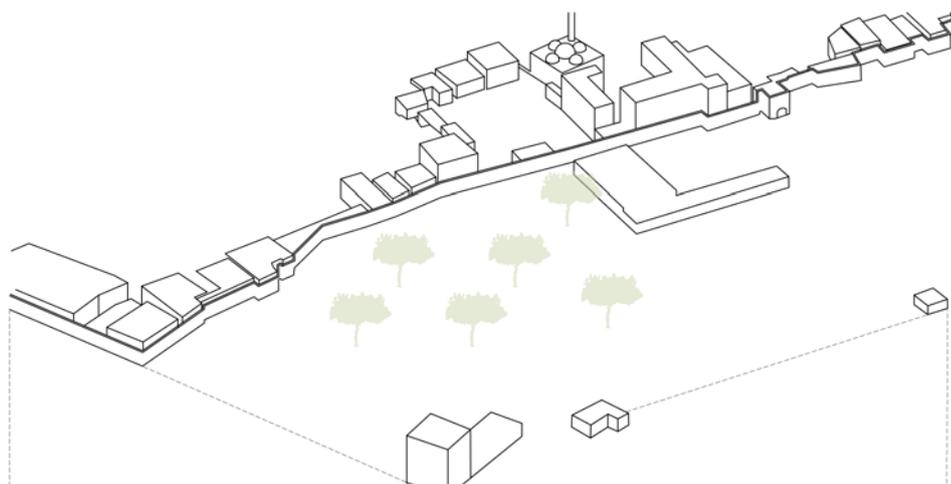


Fig. 15. Axonometria da Praça em 1840



Fig. 16. Espaço da Baixa a oeste da Praça Place des Canons em 1860



Fig. 17. Planta da Praça em 1860

1860

Na década de 1860, o campo já se tinha transformado num espaço vibrante com lojas, cafés franceses, casas e vilas fora dos muros da cidade. A sua localização tornava-o um nó central de transportes e comércio, ligando-se ao sul a *Damascus* e ao porto de Beirute, por meio de caravanas e autocarros. Durante este período, *Burj el Khashef* foi demolido, embora seu nome ainda permaneça ligado à praça hoje. A praça viria a ganhar uma nova designação, de *Place des Canons*, como resultado da implantação de canhões russos em 1860, interferindo para acabar com os massacres no Monte do Líbano.

60

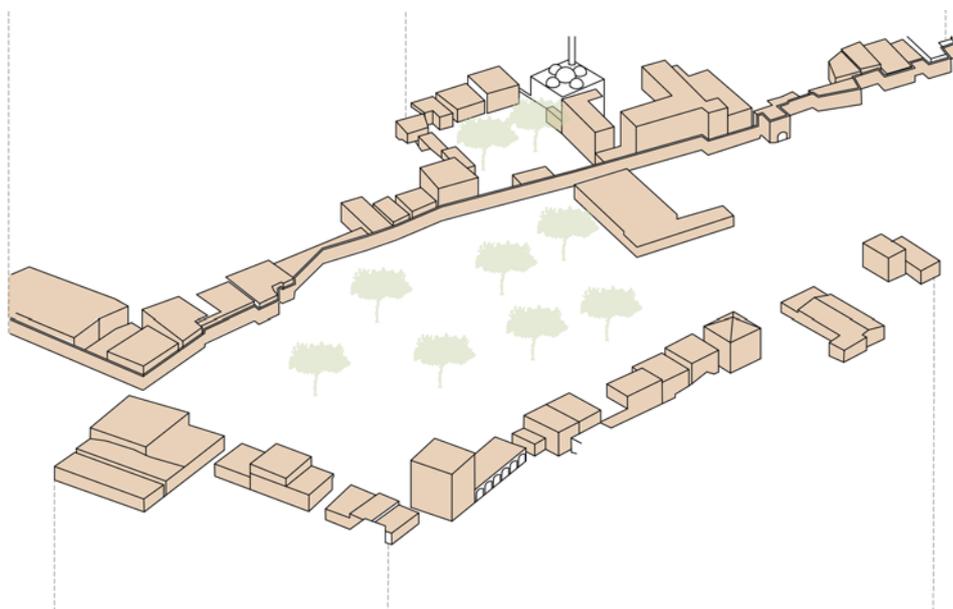
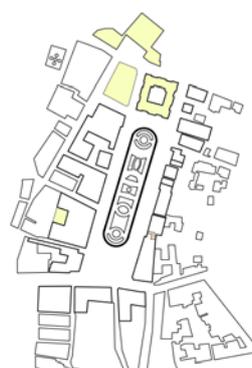


Fig. 18. Axonometria da Praça em 1860



Fig. 19. Place des Canons, 1890



1890

Durante um período de desenvolvimento urbano e infraestrutural otomano, *Tanzimat*⁴⁷, a cidade cresceu rapidamente em população e densidade urbana fora dos seus muros; com a **Praça** se formando espacialmente como um espaço urbano fechado e central. O governador de Beirute adiantou o redesenho da praça como um jardim de lazer, *Muntazah*⁴⁸, com um edifício icónico do governo em sua extremidade norte, o *Petit Serail*. O período testemunhou a grande fome do Monte do Líbano e o enforcamento dos Mártires locais na praça em 1916, ficando assim a sua designação como **Praça dos Mártires**.

47.Reorganização da cidade durante o Império Otomano entre 1839 e 1876.

48.Palavra que significa “Parque” em Árabe.

90

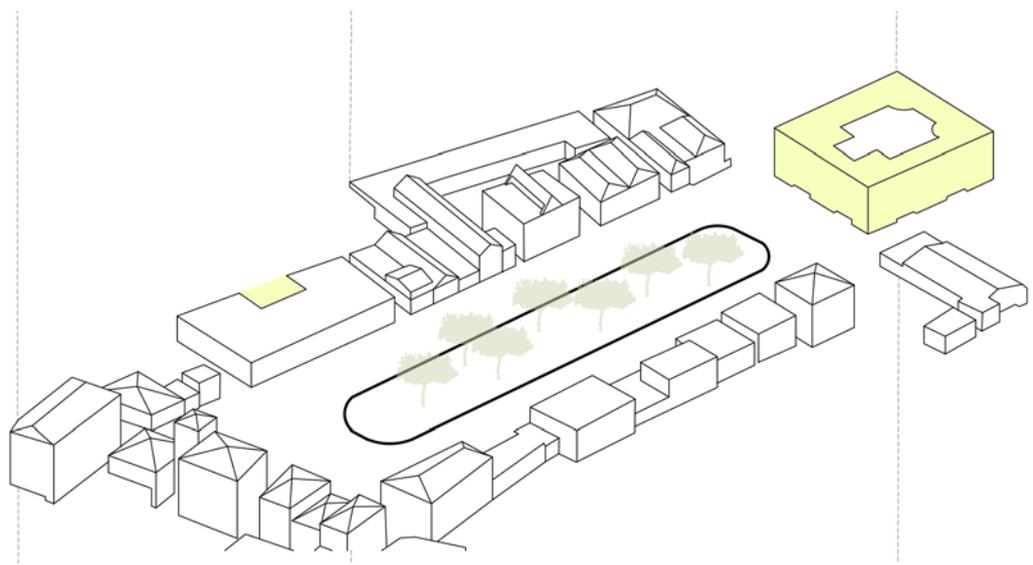


Fig. 20. Planta da Praça em 1890

Fig. 21. Axonometria da Praça em 1890



Fig. 22. Praça dos Mártires, 1920



1920

A década de 1920 testemunhou mudanças radicais quando os franceses assumiram o território, anteriormente do Império Otomano após a Primeira Guerra Mundial. Os franceses proclamaram o *Great Lebanon*⁴⁹ e iniciaram o seu mandato com projetos ambiciosos de renovação urbana, afetando a cidade velha e remodelando os seus bairros históricos. A Feira Internacional de Beirute foi acolhida na cidade com pavilhões instalados dentro da **Praça**. Promovendo essas transformações espaciais, a **Praça** foi redesenhada como um moderno jardim francês e uma fonte. A sua centralidade aumentou à medida que hotéis, cafés e teatros prosperaram. A **Praça** também presenciou manifestações políticas nessa altura.

49. Território nacional que incluía terras agrícolas suficientes para tornar o país autossustentável. Conceito criado durante o Mandato Francês.

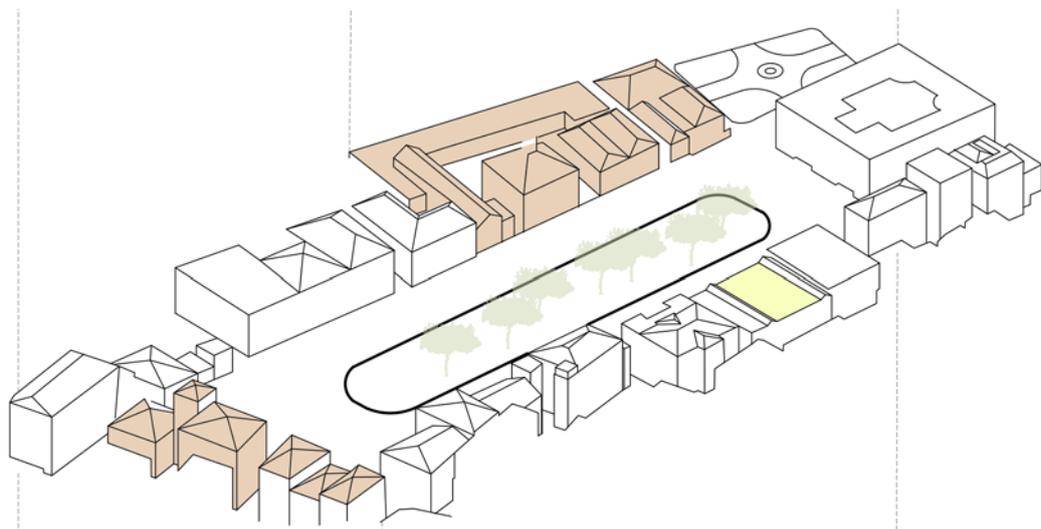
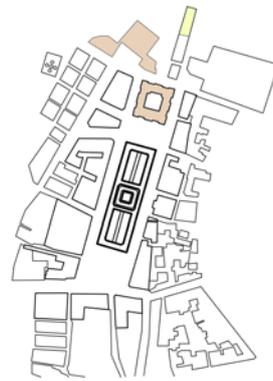


Fig. 23. Planta da Praça em 1920

Fig. 24. Axonometria da Praça em 1920



Fig. 25. Praça dos Mártires, 1930



1930

A praça redesenhada foi rebatizada de **Praça dos Mártires** com a instalação da estátua das Mulheres Chorando, comemorando os Mártires de 1916. Após a libertação dos líderes locais e a declaração da independência do Líbano, em 1941, a **Praça** acumulou grandes comemorações e sinalizou um novo futuro. Um novo papel seria dado ao espaço, no entanto, como centro comercial e político, mudou gradualmente para a recém-concluída (nesta época), *Place de l'Etoile*⁵⁰. A colisão entre o governo local e o mandato francês intensificou-se em 1943, e a praça testemunhou manifestações em massa apoiando líderes locais, presos por atos de oposição.

50. A chamada Praça da Estrela, onde está situada a Torre do Relógio, foi projetada na década de 1920 durante o Mandato Francês.

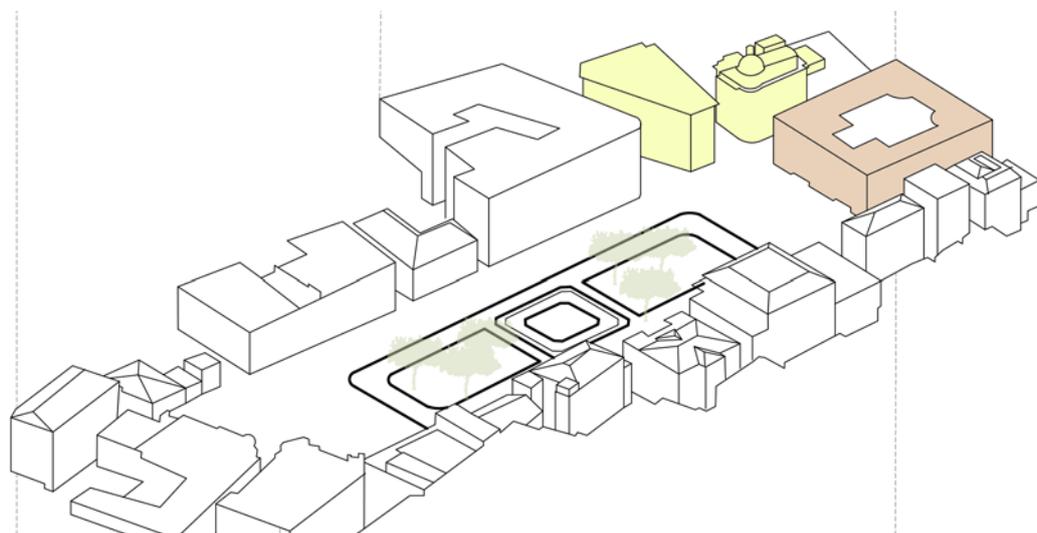


Fig. 26. Planta da Praça em 1930

Fig. 27. Axonometria da Praça em 1930



Fig. 28. Praça dos Mártires, 1950



1950

A década de 50 estabeleceu a **Praça** como centro de lazer e cultura, com a propagação de teatros, cinemas e hotéis, contribuindo para a ascensão da época do *Golden Age*⁵¹ (1959-1974) em Beirute. Após a polémica em torno da **Praça** em relação á estátua das Choronas não representar de forma credível a nação, foi assim removida, também porque estavam a ser equacionados os planos para redesenhar a praça no período da administração *Chehab*⁵². O ambicioso plano urbanístico de *Michel Ecochard* propôs a abertura da praça até ao mar. O Cinema *Rivoli* foi construído na década de 60 na fronteira norte, e um novo monumento dos mártires foi instalado no seu centro. Uma curta guerra em 1958 de conflito local em meio a mudanças políticas, posicionou a praça como um nó político.

51. Uma época rica que permaneceu na cidade de 1950 a 1975, antes da Guerra Civil.

52. Fouad Chehab foi um antigo presidente do Líbano, entre 1958 e 1964.

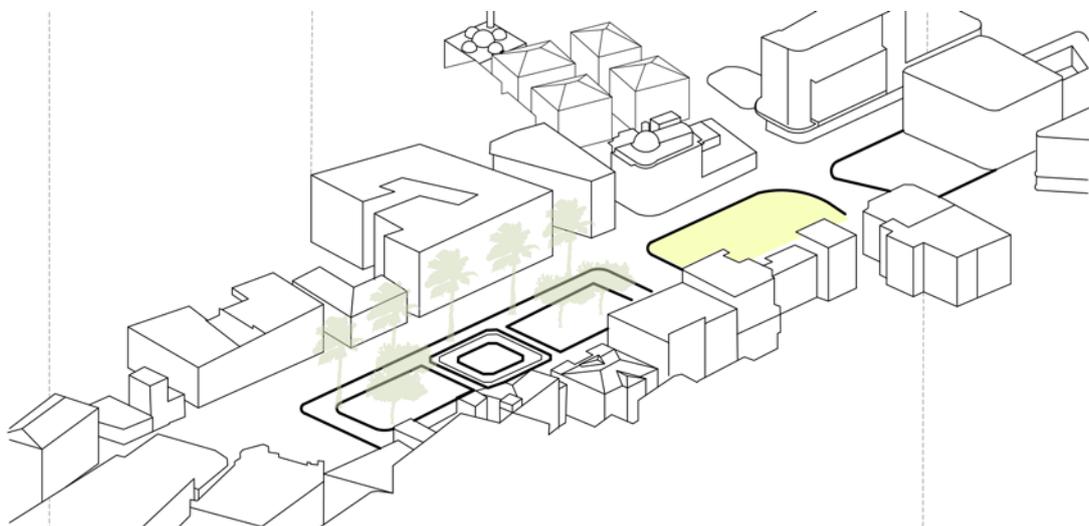


Fig. 29. Planta da Praça em 1950

Fig. 30. Axonometria da Praça em 1950



Fig. 31. Praça dos Mártires, 1970



Fig. 32. Planta da Praça em 1970

1970

O papel da **Praça** como polo de transporte e cultura se manifestou fortemente nos anos 70, com táxis, autocarros, ruas congestionadas e exposições diárias, com exhibções de filmes internacionais e árabes, e grupos de teatro.

As tensões crescentes aumentaram com manifestações estudantis no período anterior a 1975, quando a guerra civil que durou de 15 anos. A praça transformou-se num centro de conflito ao longo de uma linha divisória entre o leste e o oeste de Beirute, que ficou conhecida por “A Linha Verde”. Cheia de postos de controle e militares, a **Praça**, outrora um centro de união, tornou-se uma junção de medo e divisão.

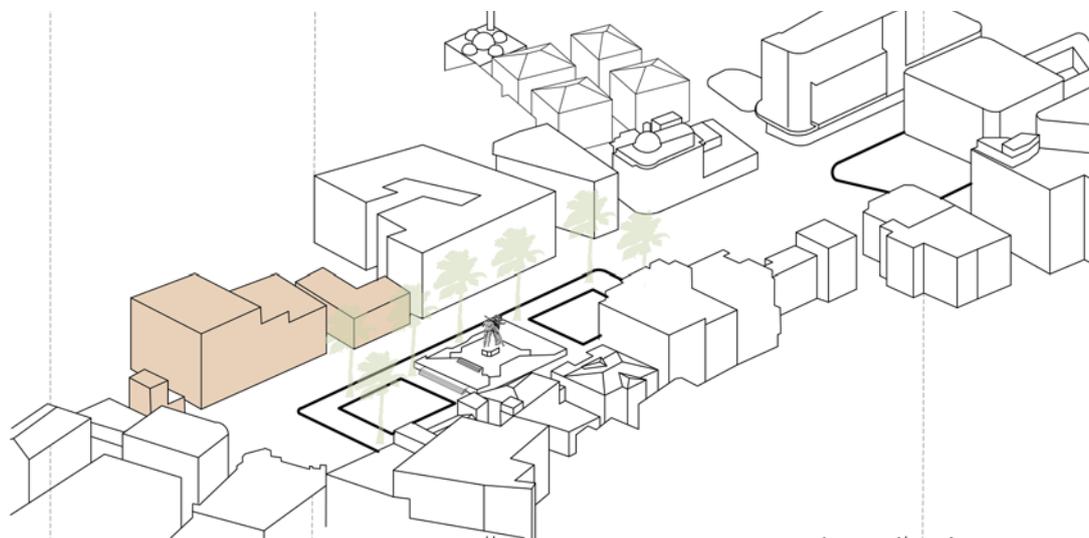
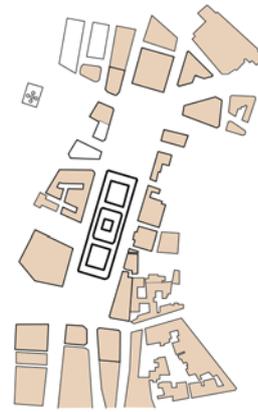


Fig. 33. Axonometria da Praça em 1970



Fig. 34. Praça dos Mártires, 1990



1990

A guerra de 15 anos distorceu a **Praça**, transformando-a numa zona de demarcação e uma terra de ninguém (*non place*). Os seus edifícios e o tecido urbano circundante foram fortemente destruídos, com fachadas cheias de balas, mas o monumento central, a Estátua dos Mártires, permaneceu de pé.

Após o fim da guerra, a **Praça** ficou num estado de incerteza, com visitantes ocasionais, jornalistas e vendedores locais vendendo lembranças da sua história perdida.

“A movimentada Praça dos Mártires se transformou em uma virtual terra de ninguém durante a Guerra Civil de 1975-1991.” (12)

Fig. 35. Planta da Praça em 1990

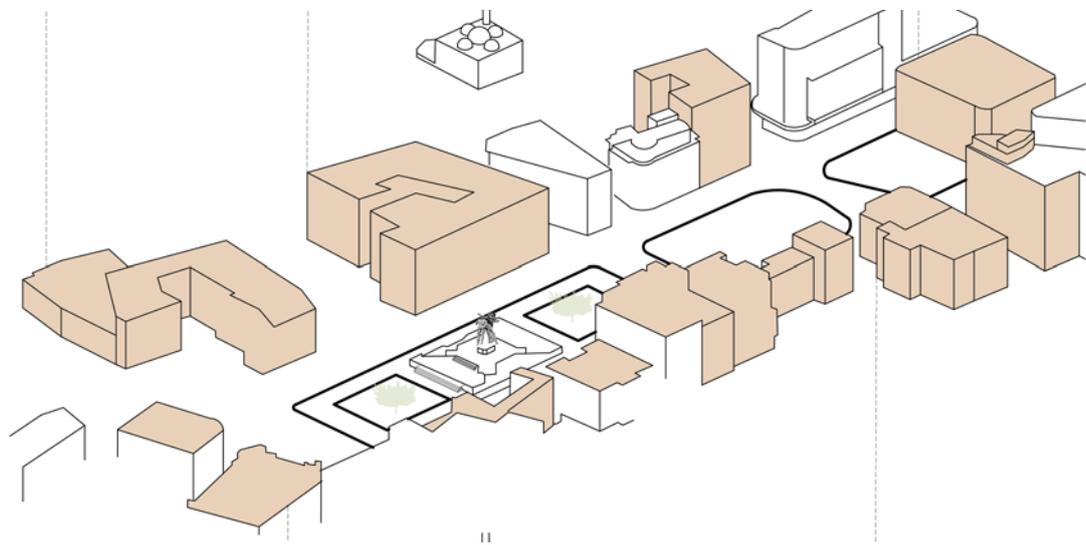
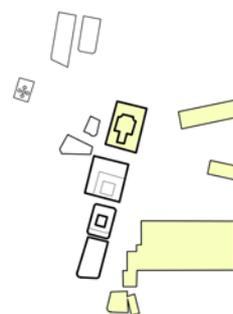


Fig. 36. Axonometria da Praça em 1990



Fig. 37. Praça dos Mártires, 1994



1994

Após o estabelecimento da *Solidere*, uma empresa privada para a reconstrução de Beirute; a **Praça** sofreu grandes demolições, com apenas dois edifícios sobrevivendo à sua transformação em massa, o *Cinema Opera*⁵³ e uma parte do *Hotel Royale*⁵⁴. A área da **Praça** se transformou num terreno de reconstrução com hangares, caminhões e ruínas, enquanto a Estátua dos Mártires foi colocada para restauração.

Após o seu restauro, um concerto de *Fairuz*⁵⁵ na praça marcou uma nova era, “empurrando” a guerra para uma memória distante, impondo uma longa amnésia social coletiva. Eventos populares de comércio e obras de arte à volta da **Praça** tentaram trazer as pessoas de volta ao seu centro perdido, agora sendo reconhecido como um espaço vazio.

53. Construído em 1932, pelo arquiteto Bahjat Abdelnour com um linguagem de Art Deco e egípcia.

54. Antigo hotel na Praça a norte do Cinema Opera.

55. Uma das cantoras mais influentes no mundo Árabe. O seu maior sucesso foi uma música chamada “A alma do Líbano”.

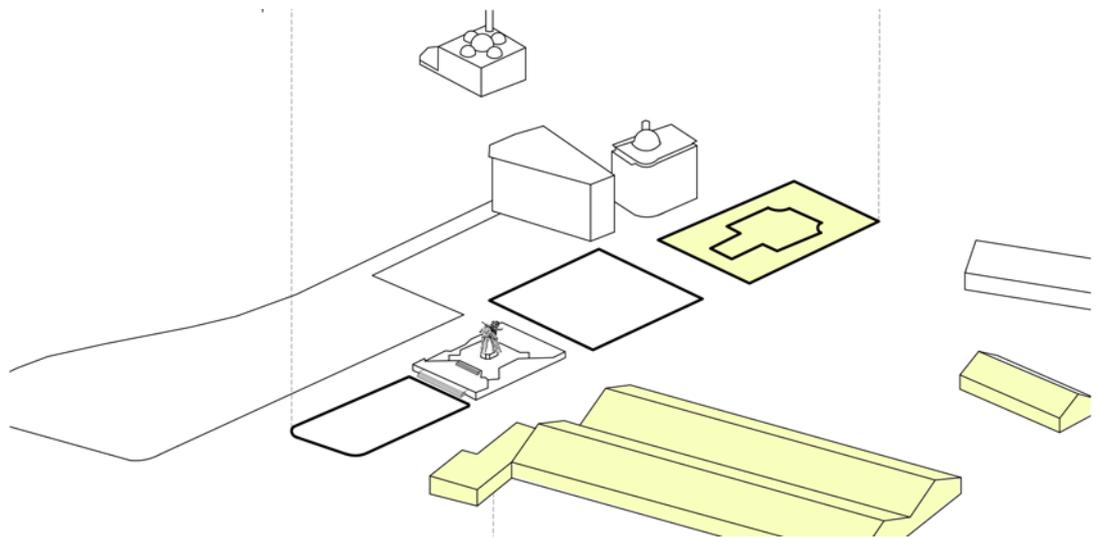


Fig. 38. Planta da Praça em 1994

Fig. 39. Axonometria da Praça em 1994



Fig. 40. Edifícios que resistiram à guerra civil na Praça em 2004.

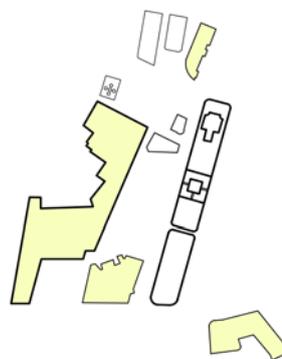


Fig. 41. Planta da Praça em 2004

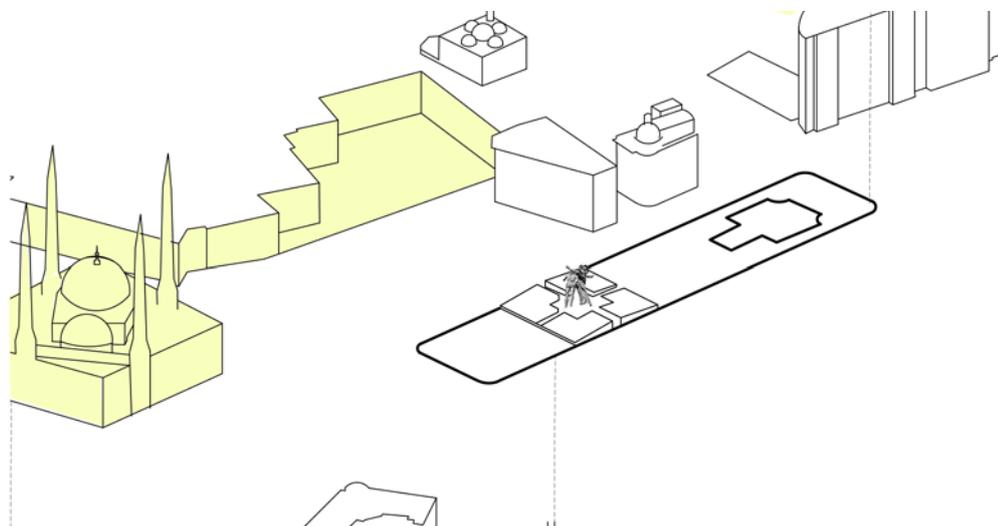
2004

A Estátua dos Mártires foi reinstalada em 2004, quando a *Solidere* lançou um concurso internacional para o redesenho da praça mantendo-se ao seu plano, de um eixo aberto até ao mar. “O projeto proposto previa um parque público que pretendia reintroduzir árvores e vegetação numa desolada **Praça dos Mártires**, pós-guerra civil. Igualmente importante, os urbanistas do projeto queriam instalar passagens sobre o parque arqueológico para ligar a Praça dos Mártires com as praças *Riyad al-Solh*⁵⁶ e *Nejme*⁵⁷ a oeste, conectando assim as principais igrejas e mesquitas no centro da cidade.” (13)

O assassinato do primeiro-ministro *Rafik Hariri*⁵⁸ em 2005 atraiu milhões de pessoas à **Praça** para se manifestarem. A chamada Revolução do Cedro, que começou a 14 de março, devolveu à **Praça** o seu papel de símbolo político e coletivo de resistência, com mais

de 1 milhão de libaneses a evidenciar a bandeira do seu país, o que levou a começarem a chamar o espaço de “Praça da Liberdade”. “Hariri, como os mártires de 1916, deu sua vida para que a nação pudesse viver, demonstrando que o espírito libanês de martírio ainda estava muito vivo. A sua posição em relação ao Memorial dos Mártires refletia a posição da Mesquita *Al-Amin*⁵⁹ em relação às figuras de bronze na atual **Praça dos Mártires**.” (14)

Diferentes acampamentos e grupos políticos tomaram a **Praça** como espaço de concentração e manifestação, intensificando-se em 2015 com a crise do lixo. Apesar das tensões, as comemorações de Ano Novo foram realizadas por vários anos na praça.

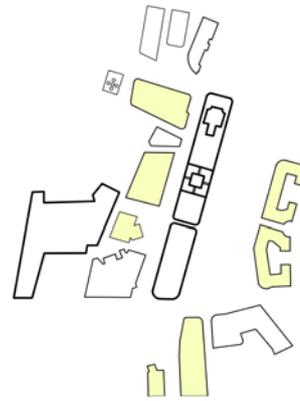


56. Praça no centro de Beirute, que sofreu várias alterações ao longo da história.
57. Praça situada na Baixa de Beirute.
58. Antigo primeiro-ministro do Líbano por duas vezes. Sempre será lembrado pelo que de bom fez no seu país.
59. Mesquita muçulmana sunita localizada no centro de Beirute, ao lado do memorial a Rafik Hariri; situada na Praça dos Mártires.

Fig. 42. Axonometria da Praça em 2004



Fig. 43. Manifestação na Praça, 2020.



2019

A **Praça** de hoje é considerada como um empreendimento imobiliário quase completo, apresenta empreendimentos de alto padrão com pavimentos térreos privatizados, enquanto continua, um estacionamento rodoviário. Após a revolução de 17 de outubro, quando a população estava indignada com a corrupção no país e a falta de emprego; surge uma nova transformação espacial, que retoma a **Praça** como espaço de apropriação coletiva. Como um terreno recuperado por grupos de ativistas da sociedade civil. Surgem novos espaços informais, desde espaços de debate, acampamentos e quiosques independentes, palcos para festas e comemorações, até vendedores ambulantes e mercados informais. Igualmente afetada pela explosão catastrófica de 2020 no Porto de Beirute; a **Praça** que adquire a

forma de um espaço aberto, é reinterpretada como um espaço de resistência a esforços de socorro pós-exploração e pontos de encontro.

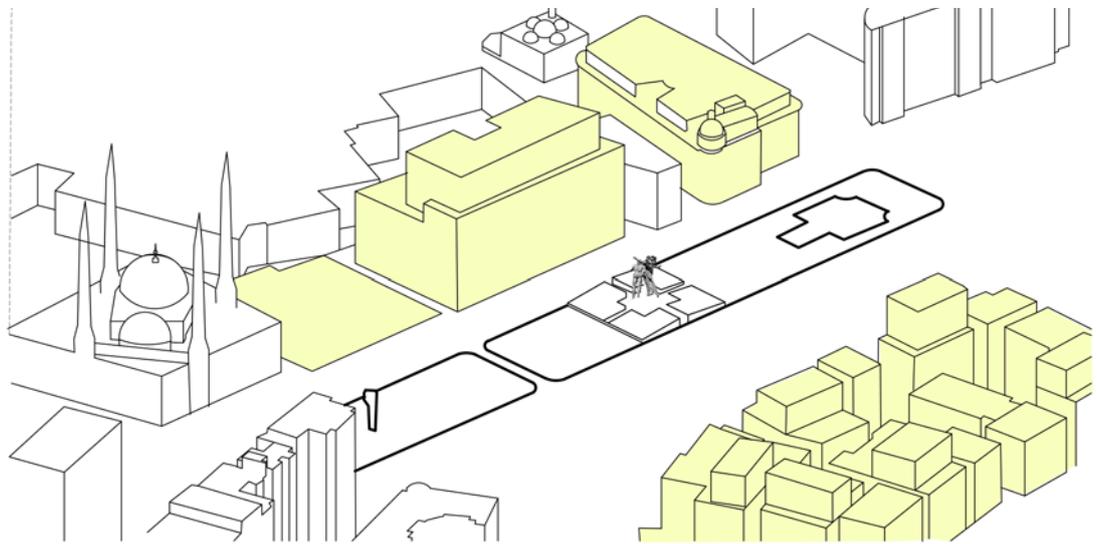


Fig. 44. Planta da Praça em 2019

Fig. 45. Axonometria da Praça em 2019

III. Trabalho de Grupo | Concurso Internacional para o Porto de Beirute

Walking Beirut

Problemática

Desde o início da análise realizada em grupo, um dos aspetos cruciais foi recuperar a natureza portuária da cidade de Beirute. No entanto, algumas condicionantes tornam este espaço único e desafiante. Os acontecimentos históricos deste local, acompanhados pelas memórias mais traumáticas, tornam mais difícil a aceitação da reativação de um determinado lugar, contudo, a complexa rede de infraestruturas que consiste no principal meio de deslocação da população que se revê na história das suas estruturas antigamente importantes, agora abandonadas falta concluir esta frase. Fator fundamental foi também a decadência do sistema ecológico da cidade, apesar do limite da cidade ser definido pelo mar mediterrâneo e a cordilheira montanhosa (Monte Líbano), o que favorece as condições ideais para a existência de um bom sistema ecológico pela forte presença de elementos como a água e a natureza. No que diz respeito à sustentabilidade e a introdução de massa arbórea verde não é um plano de futuro para Beirute, como podemos constatar com estudos que tem sido levado a cabo pelo *Beirut Urban Lab*⁶⁰, como é o caso da proposta *Beirut Zone 10*⁶¹.

Devido ao crescimento urbano da cidade, que contribuiu para a massificação da mesma, provocando uma alta densidade de infraestruturas rodoviárias, a população começou a viver assim mais o espaço privado do que o público, isto deve-se ao facto dos espaços verdes não acompanharem esta evolução urbana, permitindo assim o consumo do espaço público livre da cidade. Desta forma os espaços públicos destinados à população, passaram a ter uma menor importância afetando a circulação pedonal do cidadão. Outro fator é o desenho da principal estrada da cidade, que traça o antigo litoral e desempenha um papel importante na distribuição de mercadorias tanto para o resto do Líbano quanto para os países vizinhos, separando o porto do resto da cidade.

60. Um espaço de pesquisa e investigação que produz estudos sobre urbanização e os processos de transformação em andamento no Líbano e nos ambientes naturais da sua região.

61. Uma proposta para costa de Beirute e a sua orla marítima, onde juntas atuam como o principal marco da cidade, apoiando-se em princípios básicos como a proteção costeira, a erradicação das construções ilegais, permitindo assim que os moradores locais estabeleçam uma relação direta e fluida com o mar.

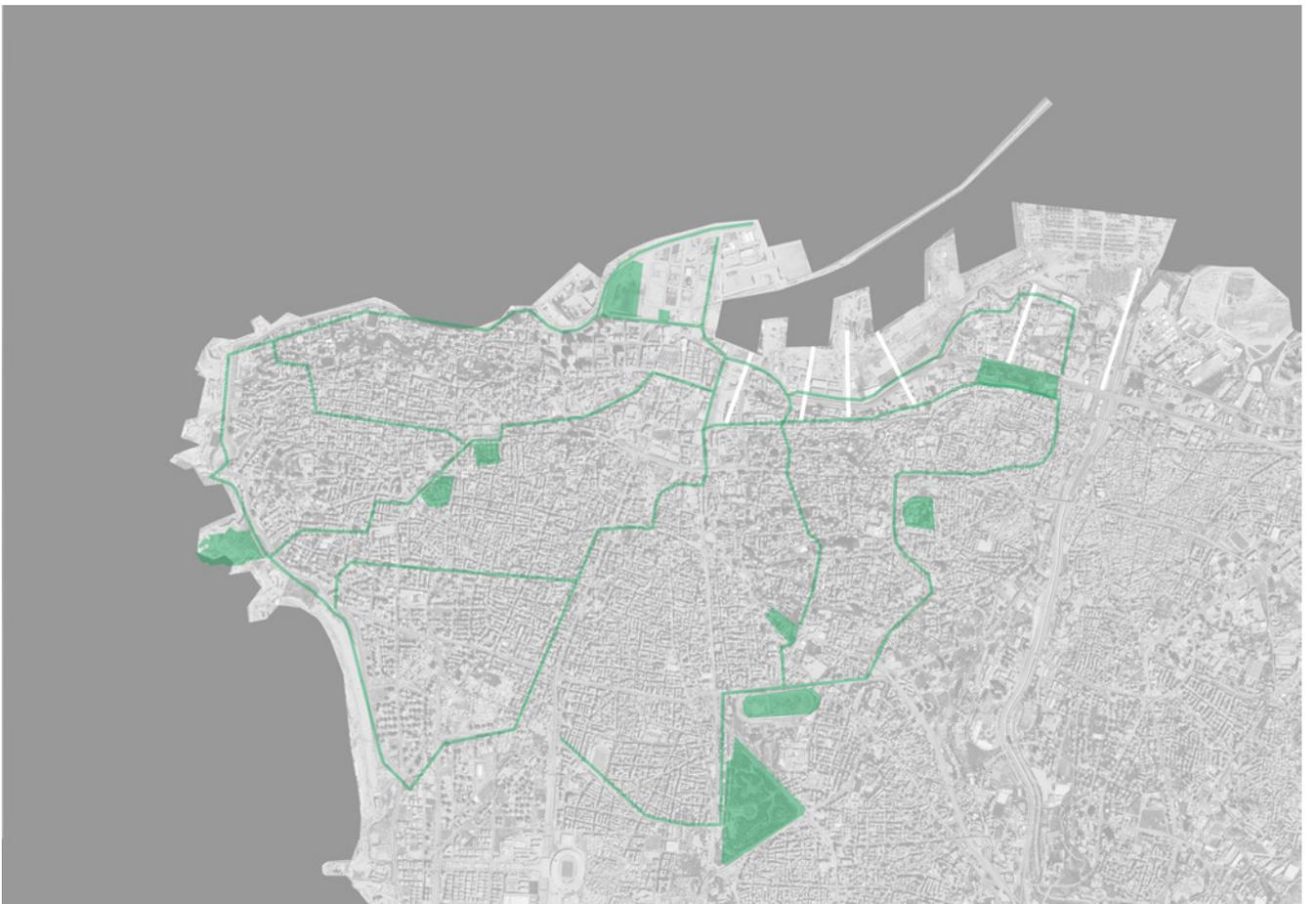


Figura 46. Desenho dos eixos verdes propostos com os espaços existentes. Elaborado por elementos de grupo do Walking Beirut: João Canhão e Lázaro Raposo.

Mais tarde, uma empresa privada, a *Solidere*, cujo objetivo era a reconstrução da cidade, ignorou muitos dos espaços públicos tais como a Praça dos Mártires, que não sofreram qualquer desenvolvimento, continuando rejeitados pela população e até pelas organizações governamentais, podendo até chamá-los como “espaços inativos”⁶².

A militarização visível atualmente em Beirute, é um resultado do pós-guerra civil, onde algumas infraestruturas inativas e áreas da cidade foram tomadas, criando assim barreiras físicas e barrando o acesso público a algumas áreas da cidade, apesar de, o Porto ser um local privatizado e não acessível ao público, a presença da Base Militar na zona mais a oriente do Porto (em frente à Praça dos Mártires), acaba por dar um controlo militar sobre o Porto que se espalha depois pelo resto da cidade. Esse mesmo controlo acaba por se intensificar depois da explosão dos Silos, como prevenção a futuros acontecimentos de revolta por parte da população como já ocorrera em acontecimentos anteriores, tais como as manifestações estudantis que antecederam a guerra civil. Uma das mais importantes estruturas da cidade que foi tomada pelos militares, foi a antiga estação da *Charles Helou*. A sua revitalização poderia resolver alguns problemas associados aos transportes públicos, como a própria acessibilidade ao Porto e a toda a cidade

“Será pertinente reativar a linha da ferrovia? Será que com a implementação deste elemento seria possível a diminuição do fluxo de transportes privados e tornar a cidade mais permeável e pedonal?” (15)

Devido às suas características topográficas, e pelo fato de estar inserida na zona mais homogênea do país, Beirute torna-se a cidade mais indicada para o desenvolvimento portuário do país, tornando-se um ponto de contacto entre o ocidente e o médio oriente. Desta forma desenvolve-se fortes conexões com o interior do país e cidades próximas, como o caso da cidade de Damascus, que é uma das principais rotas comerciais e que perdura desde o tempo romano.

62. Lugares ou edifícios que não possuem qualquer atividade de momento pois, aqui, como disse atrás, relativamente à Praça dos Mártires, tem uma grande importância política que gera uma reativação momentânea do espaço quando a população necessita de expressar as suas ideologias sobre algum tema importante no País, no entanto na ausência desses eventos volta a ser um espaço sem atividade. Também o fato de não ter sofrido um ato de requalificação depois da Guerra Civil, a memória que transporta desde esse acontecimento, apenas intensifica mais essa inatividade.



Figura 47. Desenho do porto com os eixos propostos, que dividem a cidade por programas. Elaborado por elementos de grupo do Walking Beirut: João Canhão e Lázaro Raposo

Porém a estrada que liga Beirute a *Damascus* tem uma topografia difícil para quem a atravessa, devido à inclinação que se apresenta de Beirute até *Rayak*⁶³, dificultando muitas vezes o transporte de mercadorias que partem do porto para o interior do país. O mesmo acontece à escala da cidade, mas de uma forma menos intensa, como nos casos dos Bairros de *Arshrafied*⁶⁴ e *Ras Beirut* que se inserem na zona mais alta da cidade, dificultando o seu acesso, sobreposto com a densidade rodoviária anteriormente referida. Porém nestas regiões da cidade, encontram-se usos distintos, no caso de *Arshrafied*, encontram-se uma zona habitacional e locais de entretenimento. Já em *Ras Beirut*, podemos encontrar universidades e alguns locais emblemáticos da cidade como a *Corniche*⁶⁵. Para entendermos melhor a topografia de Beirute, devemos referir que a cidade é dividida por uma linha de fecho que separa a mesma ao meio de este para oeste. Apesar de ser a zona mais alta da cidade, é onde se verifica menos “pulmão verde” em toda a cidade, apesar de existirem em algumas zonas na sua periferia.

63. Cidade na região de Beqaa Vally, no interior do Líbano e desde o início do séc. XX até o despoletar da Guerra Civil em 1975, era o centro ferroviário mais importante do país unificando três continentes (Africano, Asiático e Europeu), assim como à conexão da linha ferroviária Beirute-Damasco com Ballbek, Homs e Aleppo.

64. Conhecida como uma área de classe alta em Beirute, esta zona é a mais alta da cidade. Embora esta área possua vestígios de atividade humana que remete à era neolítica, atualmente é uma das zonas com a maior concentração de património arquitetónico do Império Otomano

65. Avenida á beira-mar no distrito central de Beirute construída durante a ocupação Síria no Líbano. Aqui podemos encontrar um percurso a beira-mar que se estende desde a cidade velha (a partir da baía de São Jorge) terminando antes da Avenida Rafik Hariri.

Por todas estas razões mencionadas anteriormente, a proposta que se irá apresentar tem como objetivo:

- Devolver o porto a cidade;
- Inserir mais espaços verdes;
- Quebrar as barreiras impostas pela densificação da cidade;
- Reativar os espaços que foram tomados pela militarização;
- Tornar a cidade um lugar confortável para quem a percorre.

Portanto, a proposta de grupo apresentada tende a seguir um critério centralizado nos habitantes de Beirute, onde estes possam reclamar e reivindicar o seu território que lhe vem sendo roubado pela densificação e as barreiras criadas. Num momento de viragem onde a população reclama por uma mudança, a reabilitação do porto poderá resultar na transformação que o povo libanês tanto espera, devolvendo assim a esperança a este país.

Descrição do Projeto

A proposta implementada, *Walking Beirut* tem como base dois princípios essenciais. O primeiro, está intrinsecamente ligado à infraestrutura proposta, que se manifesta de acordo com os eixos identificados e propostos na malha urbana. O segundo princípio está assente no programa que se desenha à volta da estrutura, organizando assim o porto da cidade de Beirute, em quatro zonas distintas, para o seu funcionamento.

Com base no que foi dito anteriormente, o programa proposto para porto da cidade de Beirute, assume tanto um carácter público como privado, tentando ao máximo devolver o porto aos cidadãos locais, contemplando a reabilitação e ocupação de lugares que se encontram desocupados.

De uma forma mais conceptual, este programa pretende conectar o espaço envolvente em forma de um quadrado, onde nos seus vértices estão contidas diferentes esferas sociais, e no seu interior e exterior propõem-se atividades que unam estas diferentes esferas.



Figura 48. Desenho diagramático do quadrado. Elaborado pelo autor.

Infraestrutura de ligação

A infraestrutura proposta surge como um elemento leve que fará a ligação entre os marcos da cidade de Beirute e a orla marítima, como forma de minimizar a barreira estabelecida pela própria topografia e o tecido urbano da cidade proporcionando, desta forma, uma ligação que até ao momento não é acessível à população. Esta estrutura foi idealizada segundo quatro componentes: conceito, estrutura, integração e o programa. Estes tópicos funcionam como base, de forma a auxiliar ou explicar a tipologia de estrutura implementada no plano de pormenor.

Conceito:

Conceptualmente, a infraestrutura é baseada em três princípios distintos que têm como objetivo trabalhar os níveis de aproximação do pedestre com o chão, sendo eles o piso, ar e topografia. O piso tem como objetivo principal o contacto direto com o chão funcionando como um caminho ou marco no chão, por sua vez, quando mencionamos ar, é idealizado um pensamento de poder libertar o chão (para uso automóvel e afins) proporcionando uma vivência mais tranquila e isolada do meio predominante na cidade, o carro. Por fim, o conceito de topografia tem o objetivo de trabalhar as diferenças de cotas de forma a quebrar as barreiras estabelecidas, utilizando em conjunto os dois conceitos anteriormente explicados.

Estrutura:

Consequentemente, terá de existir um sistema que possa ser articulado com a ideia e suportá-la. Desse modo inserimos três sistemas que possam assim não só definir como também implantar-se de forma adequada com o terreno, sendo eles: pilar, pórtico e cobertura. Estes sistemas estruturais poderão funcionar não só como estruturas, mas também como marcos, delimitando o espaço e guiando, em momento oportunos, o transeunte para os lugares indicados, quer sejam pontos de interesse ou novos polos sociais.

Integração:

Neste tópico, buscamos trabalhar como o programa se irá articular com a estrutura, podendo ser associado em três aspetos: desconetado, contido e

agregado. Como o próprio nome indica, o programa desconetado funciona como um elemento que poderá ou não fazer parte da infraestrutura proposta, ou como poderá ser um elemento existente na envolvente. Por sua vez o contido e o agregado estabelecem-se como novos elementos programáticos, que se unem à infraestrutura, a diferença que existe é apenas no facto de se unirem diretamente ou indiretamente à mesma.

Programa:

Por fim, exploramos como as funções programáticas se irão articular, com o objetivo de se poder associar a programas de carácter público, como os transportes públicos, comércio ou até mesmo a conexão com os edifícios. Numa visão mais social, poderá ser utilizada para caminhar, descansar e estabelecer a prática desportiva. A par de um sistema ecológico, é pensado que poderia originar zonas de produção agrícola dentro do tecido urbano, ou mesmo promover novas zonas de comércio.

Apesar de ser um sistema conceptual, a sua implementação poderia proporcionar um novo meio de conexão entre a cidade de Beirute e o seu porto, quebrando as várias barreiras criadas, aproximando o cidadão local ao porto e estabelecendo uma nova frente marítima em Beirute.



Figura 49. Desenho das tipologias de espaço propostas. Elaborado por Lázaro Raposo

Master Plan:

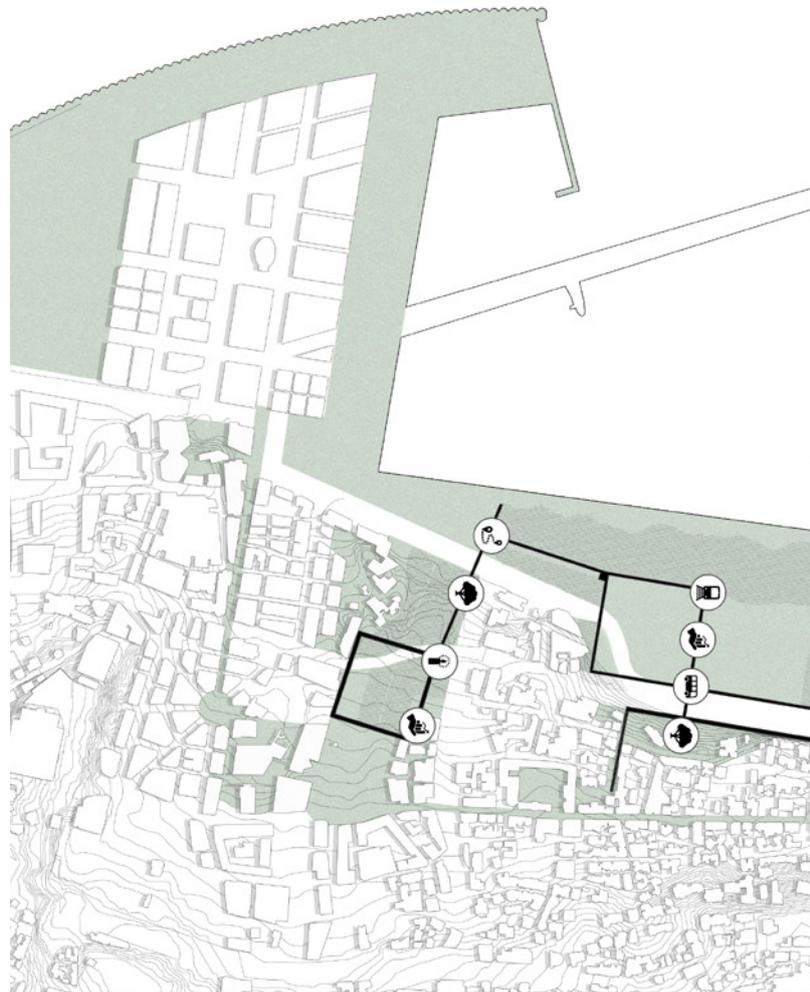
Desta forma, surge a proposta de transformar a maioria do porto de Beirute numa zona verde, onde a infraestrutura anteriormente apresentada. conecte os espaços e os organize conforme o programa que é distribuído por quatro zonas que passam a ser descritas.

No que concerne à primeira zona, a mais próxima da cidade de Beirute, junto à **Praça dos Mártires**, este programa propõe uma zona de carácter público, ligando diretamente locais, como a própria, na área da *Free zone*⁶⁶, o terminal de autocarros *Charles Helou* e o terminal de cruzeiros proposto, desenvolvendo-se no seu interior uma zona programática mista, contendo serviços, comércio e zonas de lazer.

Num segundo momento e devido à proximidade da área da explosão de 2020, aqui pretende-se devolver o porto à cidade de Beirute, de forma a servir condignamente a sua população. Atribuir-se-á então um uso de solo para habitação, unindo a este espaço, áreas verdes. Propõem-se também, uma conectividade entre a frente mar e ao edifício da empresa *Electricity du Liban*⁶⁷, criando por sua vez uma barreira que irá dividir a zona publica da privada na área portuária.

Aliado a esta zona, faria sentido a criação de um espaço distinto que estaria destinado á aquaponia e á agricultura, uma vez que Beirute é um país importador. Esta zona estaria destinada à produção de alimentos podendo ser acessível á população para produzir os seus alimentos e o autoconsumo.

Por fim, teríamos a zona mais privada do porto, o Terminal de contentores. Nesta zona, propomos a sua transformação para apenas uma zona temporária de cargas e descargas, transferindo a zona de terminal para a periferia da cidade. Desta forma será possível aliviar o grande fluxo de tráfego junto à foz rio, tornando-a num local mais permeável, atrativa e sustentável. Devido a proximidade com a estação ferroviária abandonada de *Mar Mikhael*⁶⁸, a sua reativação é pensada de forma a poder facilitar o escoamento de contentores para a periferia.



66. Inaugurada a 12 de julho de 2007. A sua construção representa um passo importante na história do porto e atende a uma antiga solicitação dos ativos intervenientes no setor de transportes no Líbano.

67. Estabelecimento industrial e comercial com interesse público no Líbano, que controla 90% das atividades de produção, transmissão e distribuição de eletricidade do país.

68. Bairro residencial e comercial de Beirute, sendo uma área elegante com cafés, restaurantes, galerias de arte, padarias e lojas. O nome do bairro deriva da Igreja Católica Maronita de St. Michael.

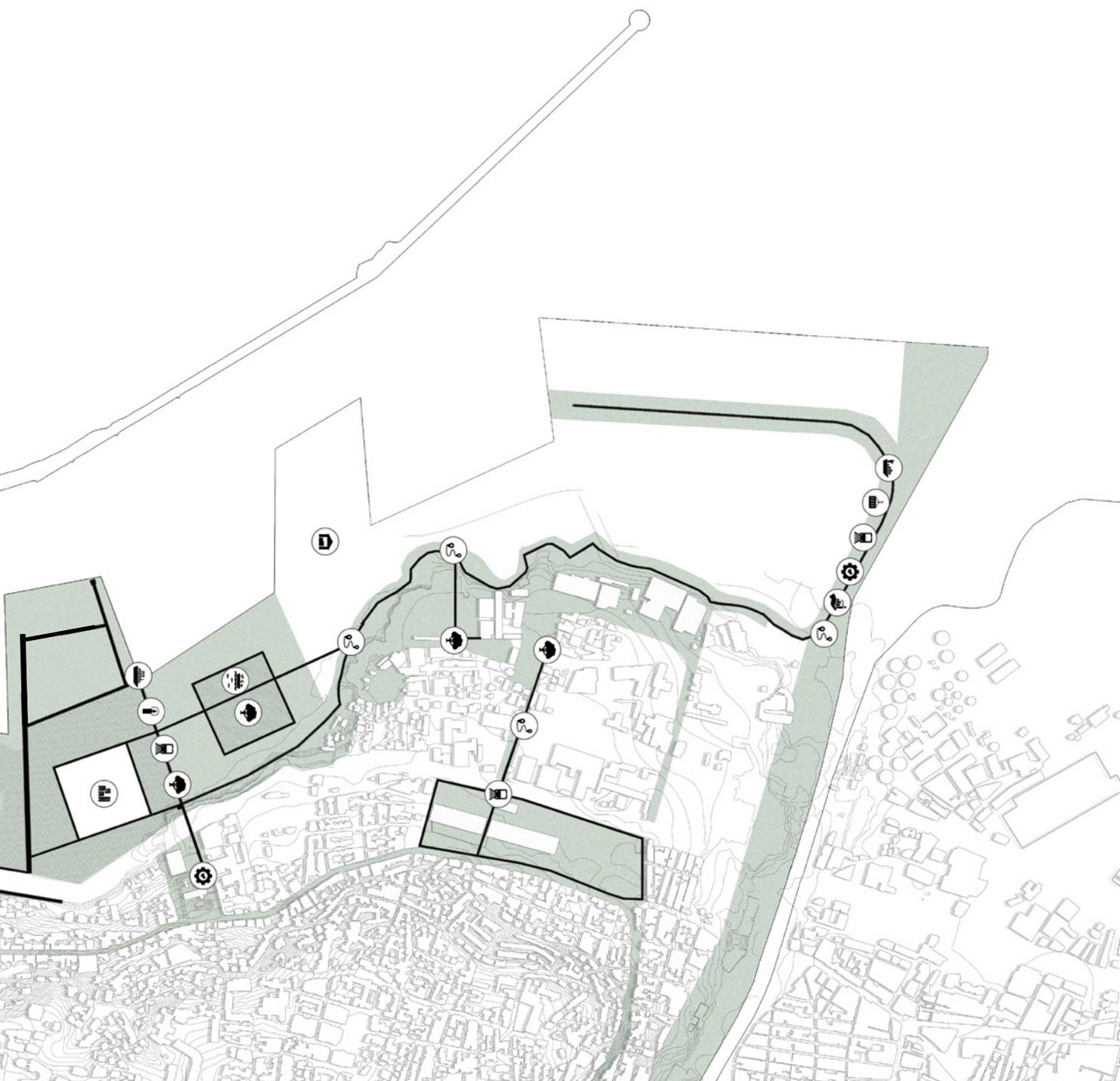


Figura 50. Desenho elaborado por elementos de grupo do Walking Beirut: Adriana do Carmo, Afonso Cardoso, João Canhão, Lázaro Raposo

Casos de estudo

Para a proposta apresentada, foram tidos em conta os seguintes projetos, que serviram para informar a implementação de soluções vis a vis problemas identificados, como as barreiras existentes, a falta de espaço público e sobretudo, a reclamação da cidade para o cidadão.

Bellinzona Bathhouse, Suíça, 1967 – Aurélio Galfetti

O primeiro projeto apresentado, trata-se de uma infraestrutura para as piscinas de Bellinzona na Suíça, do arquiteto Aurélio Galfetti. Uma infraestrutura que tem como objetivo criar uma paisagem complementar ao espaço existente e estabelecer uma ligação entre a cidade, o vale do Ticino e a colina Castalgrande.

A New MAM for São Paulo, São Paulo, 2013 – Angelo Bucci

A New MAM for São Paulo, proposto pelo Arquiteto Angelo Bucci, é proveniente de um estudo de caso de como seria possível a construção de uma alternativa á ocupação e configuração do espaço da cidade. A proposta tem como objetivo delimitar o limite do Parque de Ibirapuera, através de uma estrutura que contém escalas distintas, desde a escala do edifício á escala urbana.

High Line New York, Nova Iorque, 2009 - 2014 – Diller Scofidio + Renfro

A High Line de New York, é uma infraestrutura de 2,5 km, que ocupa partes de uma linha férrea, onde o verde vive em conjunto com a arquitetura, incluindo espaços distintos, sejam estes ensolarados, sombreados, húmidos, secos, ventosos ou abrigados, criando assim um parque que no fim, é um percurso que tem como objetivo recuperar o espaço público não reclamado da cidade, acomodando espaços públicos sejam estes verdes, íntimos ou sociais.

Estes projetos foram analisados em primeiro lugar, devido a proporem sistemas de ligação que vêm solucionar problemas sejam estes paisagísticos, ecológicos ou infraestruturais da cidade. Ainda assim percebe-se, que apesar de muitas vezes trabalharem uma infraestrutura à escala humana, estão implícitas outras escalas, como a escala urbana, de forma a trabalhar diferentes volumetrias e limites. Por fim os espaços que são propostos, contêm programas distintos, que junto ao seu fácil acesso, misturam-se com a malha heterogénea e consolidada da cidade. As vertentes conceptuais das propostas acabam por levar à reflexão e a questionar o papel das infraestruturas consolidadas das cidades, que por muitas vezes não têm as condições de serem considerados um espaço público utilizável, por serem influenciadas pela alta densidade de infraestruturas rodoviárias que tendem a consumir o espaço público, que outrora pertenceu ao cidadão.



Figura 51. Bellinzona Bathhouse



Figura 52. A New MAM for São Paulo



Figura 53. High Line New York

IV. Um espaço público em Beirute desenhado sobre Ruturas

Mandato Francês

Os franceses foram bastante exuberantes na sua missão e pareciam decididos a estender o seu Mandato (1923 a 1946), implementando elementos de identidade nacional e coletiva, sem dúvida, a marca visual e física da cidade foi uma forma de desotomanizar o caráter arquitetónico e espacial de Beirute. “Foi então que um símbolo de modernidade à cidade de Beirute foi proposto, a *Place de l’Etoile* (à semelhança de Paris) em 1927. A *Place de l’Etoile*, um exemplo visível do grandioso planeamento urbano francês, que sobrepôs-se à área destruída da cidade velha.

Apesar da cultura política fragmentada do Líbano, na altura, as décadas entre as duas guerras mundiais foram densas em termos de atividade de construção pública e privada. No início da década de 1930, os franceses possuíam os fundos necessários para o financiamento de projetos públicos, particularmente o porto, edifícios públicos e redes rodoviárias. O primeiro Plano Diretor de Beirute, em 1932, obra do consultor urbano francês *Danger*⁶⁹, não foi aprovado pelo governo que preferiu legislar procedimentos para licenças de construção. Outro arquiteto e urbanista francês, *M. Delahalle*⁷⁰, apresentou um projeto bastante extravagante e chamativo para o re-embelezamento do centro de Beirute e da **Praça**. O plano, talvez inspirado no tempo fenício, pré-histórico de Beirute, propunha a abertura da **Praça** ao porto. O projeto proposto seria a ligação da **Praça** como a porta de entrada para a cidade. A imagem, vislumbrou um monumental espaço aberto para o mar. Como seu antecessor, *Michel Ecouchard*, o plano não seguiu em frente (pag.36). Assim, ao antecipar ou propor planos para a reconstrução da praça, tais grupos de Arquitetos e Urbanistas estão predispostos a favorecer o estabelecimento de espaços culturais e artísticos como salas de concerto, galerias de teatros, museus e auditórios para acomodar centros de conferências e fóruns para exposições e debates intelectuais.

69. René Danger, um topógrafo e urbanista francês

70. Arquiteto e urbanista francês.

Estátua dos Mártires

A partir de 21 de agosto de 1915, *Jamal Pasha*⁷¹ usou a **Praça dos Mártires** para executar, por enforcamento público, o primeiro grupo de mártires. Isto foi seguido em 1916 por três outras execuções nacionalmente temidas a 5 de abril, 6 de maio e 5 de junho, respetivamente. Em 1937, dia 6 de maio, foi declarado o dia do memorial nacional, a comemoração dos mártires, dada a repetida vitimização de civis inocentes.

“Os heróis libaneses são heróis nacionais porque morreram juntamente como muçulmanos e cristãos.” (16)

As pessoas que sacrificaram as vidas em honra da nação são lembradas através de memoriais ou cemitérios, juntamente com o título *shahid*⁷². O que torna os mártires figuras poderosas é que perderam as suas vidas para preservar uma causa maior, como a tentativa de união da nação. “As considerações mais importantes na recontagem de sua história são a maneira como os homens deram suas vidas e as maneiras pelas quais ambos abraçaram e transcenderam suas diferenças étnico-religiosas.” (17)

71. Líder militar otomano e um dos Três Paxás que governaram o Império Otomano durante a 1ª Guerra Mundial.

72. Palavra árabe do Alcorão que significa “testemunha” e também é usada para chamar um mártir.



Fig.55. Os quatro Mártires. Da direita para a esquerda: Mártir George Haddad, Mártir Omar Hamad, Mártir Arif al-Shehabi e Mártir Sheikh Ahmad Tabbara .

A **Praça** já presenciou várias estátuas (dedicadas aos heróis executados pelos otomanos em 1916) no local, a primeira adquiriu o rótulo de *Salat al-Inihad*⁷³ ou *al-Hamidiyya*⁷⁴ em referência ao legado Otomano: o primeiro como expressão de unidade nacional sob a soberania otomana e o segundo em comemoração ao sultão *Abdul Hamid*⁷⁵. Obra do proeminente escultor libanês *Joseph Hoayek*⁷⁶ em 1930, mostrava duas mulheres de luto: uma muçulmana e uma cristã, chorando pelos mártires.

Muitos Libaneses viam a estátua de *Hoayek* como um símbolo de fraqueza. Depois de várias críticas por parte da sociedade, ele decidiu criar um design mais digno, que submeteu a um concurso internacional organizado pelo presidente *al-Khoury*⁷⁷, pouco antes de deixar o cargo em 1952.” *Abdel Baki*⁷⁸ venceu o concurso e depois apresentou a sua visão à população num artigo do *Al Hayat*⁷⁹ a 7 de maio de 1953. O Memorial dos Mártires de *Abdel Baki* incluía três estruturas independentes construídas sobre uma plataforma quadrada de mármore: quatorze pilares que simbolizavam o número de mártires executados a 6 de maio de 1916. “De acordo com um artigo de maio de 1955 no jornal de língua francesa *L’Orient*⁸⁰, muitos artistas e pessoas instruídas posteriormente formaram um comitê para exigir a interrupção imediata de todos os trabalhos no projeto de *Abdel Baki* e a oportunidade de participar do desenvolvimento de um novo memorial para a Praça dos Mártires.” (18)

Tão rancorosa foi a objeção que em 1952 o governo anunciou uma competição internacional para um novo memorial. O projeto vencedor de um arquiteto libanês, *Abdel Baki*, não se saiu melhor. Representava um arco monumental envolvendo um obelisco e uma arcada elíptica de dezasseis colunas representando o número de mártires.

73. Oração recitada por muçulmanos que precisam da orientação de Deus Todo-Poderoso (Alá).

74. Oração recitada por muçulmanos que precisam da orientação de Deus Todo-Poderoso (Alá).

75. Primeiro-ministro e ministro das finanças do Líbano por um breve período durante 1945. Chegou também a desempenhar o cargo de ministro da Defesa na época.

76. Escultor da primeira estátua em honra dos mártires, chamada *The Weeping Women* (“As Choronas”)

77. Primeiro presidente do Líbano, entre 1943 e 1952.

78. Arquiteto que propôs um novo memorial para a Praça dos Mártires.

79. Jornal pan-árabe com sede em Londres, fundado a 1946 e com o seu encerramento a 2020.

80. Um dos principais jornais diários em francês no Líbano.



Fig.56. Estátua das Choronas

Finalmente, foi só a 6 de maio de 1960 que o monumento, obra do escultor italiano *Mazacurati*⁸¹, foi finalmente instalado em uma cerimônia oficial presidida pelo presidente *Fuad Shihab*⁸² e pelo primeiro-ministro *Saeb Salam*⁸³.

“Dois jovens, caíram ao chão, lutavam contra um inimigo invisível, vestidos com roupas civis, eles deitaram-se de lado e pareciam que estavam a pedir ajuda. O homem à frente tinha a mão esquerda firmemente no chão e empurrava o topo do seu corpo para cima enquanto estendia a mão direita para uma pessoa imaginária à sua frente. O olhar dele acompanhava o braço estendido e seus lábios estavam entreabertos, como se falasse. O cabelo curto e encaracolado estava penteado para trás. A camisa simples de manga comprida estava meio desabotoada, revelando parte de do seu peito. As calças compridas cobriam as suas pernas, mas os pés estavam descalços. O companheiro dele estava na direção oposta. O segundo homem estava vestido de forma semelhante, apenas com a camisa totalmente desabotoada e caída do ombro esquerdo. Ambos os braços estavam amarrados atrás das costas, o que fazia seu pescoço e cabeça virarem para trás. Sem a ajuda das mãos, ele conseguia-se erguer e apoiar no cotovelo esquerdo, de modo que a parte superior do corpo também saísse ligeiramente do chão. O olhar era desviado para uma pessoa imaginária acima dele.” (19)

O memorial repousava sobre uma plataforma quadrada elevada; duas escadas permitiam o acesso de todos os lados da calçada ao redor. O memorial tinha sido movido para o centro da **Praça**, em que a estátua ficara emoldurada pela vegetação ao seu redor. O memorial não era apenas maior e mais imponente do que seu antecessor, mas também foi colocado com mais destaque. A fundação do memorial foi construída sobre um espaço de água que outrora ficava no meio da **Praça dos Mártires**.

81. Pintor e escultor italiano, que acreditava que a arte poderia sustentar funções sociais. As suas obras eram influenciadas pelo cubismo, expressionismo e realismo. Foi dele o projeto da atual Estátua dos Mártires na Praça.

82. Presidente da República do Líbano de 1958 a 1964, depois de ter sido o comandante das Forças Armadas Libanesas.

83. Primeiro-ministro do Líbano seis vezes entre 1952 e 1973.



Fig.57. Praça dos Mártires pós independência do Líbano, 1960's.

“Na primavera de 1995, *Hariri* propôs ao parlamento que os libaneses retomassem as comemorações dos mártires de 6 de maio no centro de Beirute. Como muitos dos mártires de 1916 foram jornalistas, ele sugeriu que o memorial no centro da cidade homenageasse, em particular, os oitenta e três jornalistas que morreram relatando a Guerra Civil“. (20)

Devido ao sucedido durante a Guerra Civil de 1975, a Estátua foi altamente danificada e por isso, *Hariri* anunciou que restauraria a estátua de *Mazzacurati*. O anúncio foi publicado pela imprensa, justificando a transformação da estátua numa escultura em memória da independência em homenagem às vítimas da guerra civil. Muitos perguntaram se eles deveriam preservar os buracos das balas ou consertá-los, *Kheyrallah*⁸⁴ era a favor de restaurar as estátuas no seu estado original, já *Hariri* defendeu uma abordagem de deixar como estava. No fim todos concordaram que preservando os danos causados por estilhaços nos corpos, a estátua lembraria melhor os sofrimentos causados pela guerra civil. Depois de muitas reuniões com a *Solidere*, os homens concordaram que as feridas permaneceriam visíveis nas estátuas.

Por volta de julho de 2004, *Hariri* decidiu que era hora de os bronzes voltarem à Praça dos Mártires. Marcando a ocasião histórica, o reitor da universidade, padre *Karam Rizq*⁸⁵, organizou uma cerimônia de despedida e fez um discurso comovente, declarando que “as estátuas nos representam e simbolizam os valores nacionais enraizados em nossos corações: liberdade, soberania, independência; e nós considerá-los um dos alicerces da nação.” (21)

“Se aquelas balas não tivessem se acumulado no seu corpo, que foi marcado por lágrimas e sangue: foram aquelas balas que transformaram o símbolo em realidade e fizeram da própria estátua um mártir.”

-B.Q., “O Símbolo do Mártir” (22)

84. Representante da Fundação Berghof em Beirute e membro da unidade MENA.

85. Padre importante e reconhecido na cidade de Beirute.

Memória

*Paul Connerton*⁸⁶ invoca o termo de “memória coletiva”, através de imagens do passado confrontando com a presente ordem social. As memórias passadas de uma sociedade divergem, alterando as suas visões, experiências e perspectivas. A memória é uma ferramenta de autoconhecimento, uma forma de conhecer o próprio carácter e potencialidades, que se vai alterando dependente da maneira como olhamos para as nossas ações passadas. “Muitas vezes esquecemos que para o homem, perder o seu passado, perder a sua memória é como perder a sua identidade própria. A história nesse caso, acaba por ser apenas um registo de como o homem é, como elemento de auto conceção.”(23)

Uma forma de fugir às memórias da guerra e de controlar a ansiedade da era do pós-guerra será com a reativação de espaços, como o “Jardim do Perdão” que pode desempenhar um papel de pluralidade cultural. De certa forma podemos relacionar com a Estátua dos Mártires que de certa forma pode simbolizar as vítimas e os sacrifícios da guerra e ajudar a repensar a violência civil, de uma forma que esses espaços sejam socioculturais, que possam ajudar a unir a nação e que sejam um caminho para o “esquecimento”. O que leva a concluir que o dilema que os Libaneses enfrentam atualmente, será qual a maneira de lembrar esses tempos de guerra diminuindo os seus horrores.

A Competição para a **Praça dos Mártires** e o grande Eixo de Beirute foi lançada a 18 junho 2004, revista pela UIA (Union of International Architects⁸⁷); finalizada a 31 julho, com 420 projetos propostos de 65 países diferentes. Os finalistas ficaram conhecidos no Dia Nacional dos Mártires, 6 maio. Todas as propostas de certa forma acabariam por responder à questão de como integrar os elementos depreciativos da história do país com conflitos civis. Esse concurso acabou por trazer mais uma discussão de ideias do que propriamente uma futura reconstrução da praça. No entanto será importante refletir se devemos olhar para a Estátua dos Mártires como um elemento que faz lembrar os eventos lamentáveis ou será um momento para comemorar as glórias do passado?

86. Antropólogo social britânico conhecido pelo trabalho sobre a memória social e corporal.

87. Organização não-governamental com sede em Paris, fundada em Lausanne, em 1948, após o final da II Guerra Mundial.



Fig.58. Praça dos Mártires, depois da Guerra, 1991

Centralidade

A **Praça** sempre permaneceu um espaço bastante aberto e homogeneizador, e por isso convidava a novos encontros de comunidades, particularmente culturas estrangeiras, missões educacionais concorrentes, comércio europeu e fluxo de mercadorias. Três palavras podem definir a **Praça**, principalmente no período do seu auge, durante o Mandato Francês: pluralismo, recetividade à mudança e tolerância aos outros; estes tornaram-se os elementos definidores do centro de Beirute. São também essas características que explicaram seu surgimento e sobrevivência de uma esfera pública. A **Praça** era um centro de lojas, atividades religiosas, artísticas e culturais que mantiveram o espaço antes da guerra, num estado consolidado, onde havia animação dia e noite. Pessoas de todas as posições sociais se reuniam lá.

O caráter e o papel da **Praça** vieram assumir uma esfera pública vibrante e cosmopolita que não pode ser referida sem associar ao seu cenário histórico como um *maidan*⁸⁸ (jardim aberto). Uma característica interessante do espaço explica o papel que desempenhou como ponto de encontro de grupos itinerantes, numa época em que o transporte, o telefone, a eletrônica e outras formas virtuais de comunicação eram inexistentes. Por exemplo, os crescentes hotéis, pensões, residências foram usados como pontos de trânsito e pontos de encontro. Uma indústria hoteleira nascente, já na década de 1830, já desenvolvida para acomodar o crescente fluxo de viajantes estrangeiros. Os viajantes do interior do Médio Oriente sempre procuravam parar em Beirute no caminho. Vários diários de viagem e postais elogiam a elegância dos hotéis que encontravam na época. Do lado oeste da cidade, de frente para o Mediterrâneo, junto ao porto e adjacentes à cidade velha (entre o bairro de *Zeitouneh*⁸⁹ e a baía de *Minet Han*⁹⁰ eram particularmente atraentes para esse fluxo de pessoas. Os edifícios mais icônicos na zona junto à praça foram o *Grand Hotel d'Orient* (Bassoul's)⁹¹, *Victoria*⁹², *Casino Alphonse*⁹³, *Continental (Normandy)*⁹⁴, *Universe*⁹⁵ e mais tarde, em 1930, o *Hotel St Georges*⁹⁶.

88. Espaço aberto de uma cidade usado como mercado ou praça.

89. Zona a norte de Beirute, situada perto da Baía de Saint George.

90. Zona a norte de Beirute. A baía referida é a Baía Zaitunay.

91. Importante hotel nos anos 90, localizado junto ao porto.

92. Antigo hotel junto à Praça dos Mártires.

93. Hotel junto ao porto, perto da Baía de Saint George.

94. Hotel junto ao porto, perto da Baía de Saint George.

95. Antigo hotel localizado junto ao porto.

96. Edifício antigo localizado junto ao porto, construído no final da década de 1920. Foi altamente danificado durante a Guerra Civil.

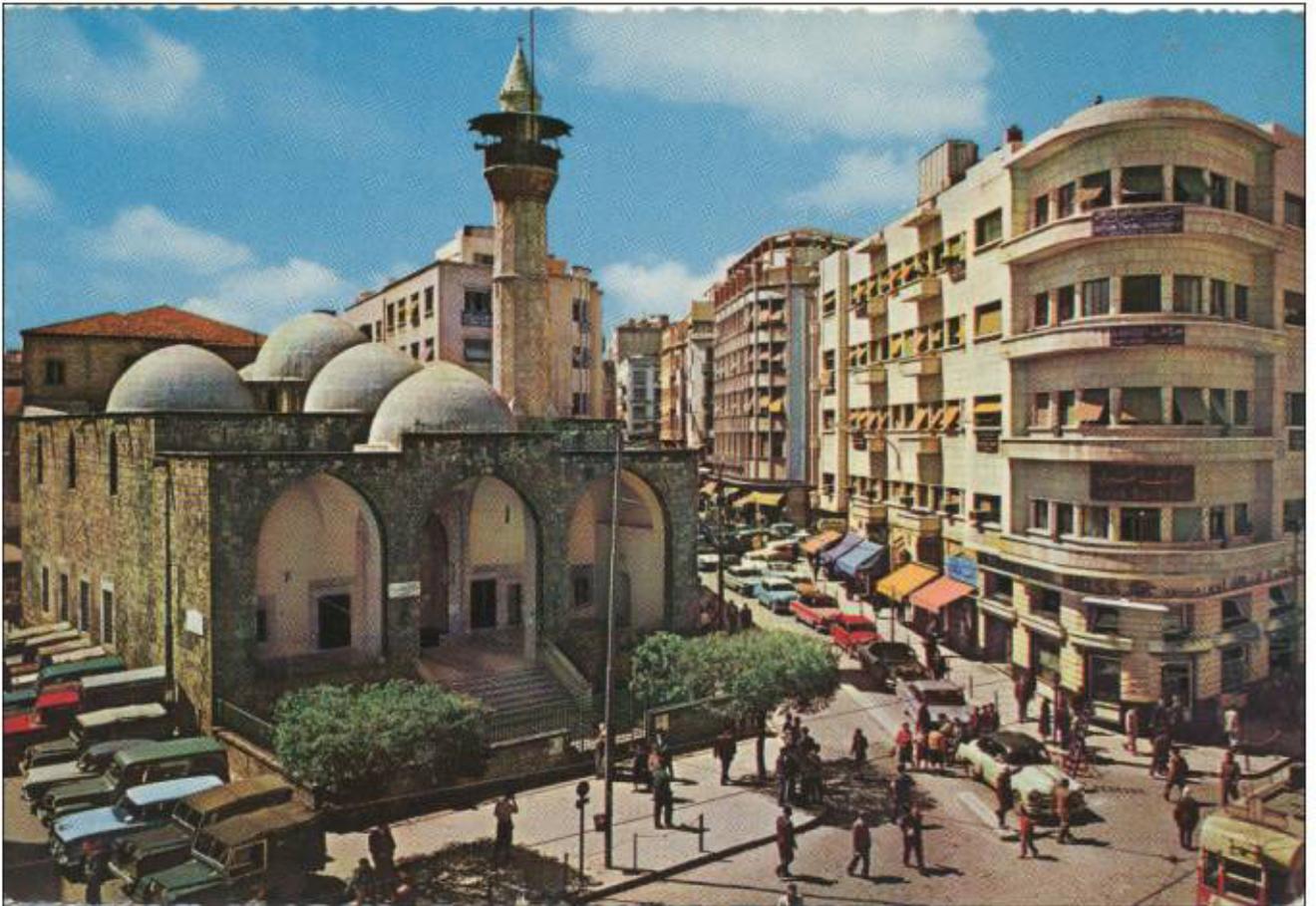


Fig.59. Mesquita Emir Assaf 1960's.

Sem dúvida, o *Grande Serail*, obra do arquiteto armênio libanês, *Bechara Affendi*⁹⁷, construído durante a Guerra da Crimeia como quartel imperial, destaca-se como a lembrança mais notável do poder estatal otomano, tanto em termos de sua localização elevada quanto de fachada austera. Até hoje, continua a ser a estrutura mais maciça e imponente alguma vez vista na zona da **Praça**. A sua localização no topo da colina de *Kantari*, dominando a paisagem anfiteatro, a sua fachada austera e severa, as diversas funções majestosas que o edifício acolheu, tudo proporcionaram para que fosse considerado como um ícone arquitetônico. Pouco tempo depois, serviu como prisão principal de Beirute, e acabou por abrigar as unidades médicas otomanas. Após a criação da Província de Beirute em 1920 foi usado para ocasiões cerimoniais, em eventos comemorativos e desfiles de alto nível.

O *Petit Serail*, na margem norte da **Praça**, contrastava fortemente com o magistral *Grand Serail*. Construído originalmente em 1830, serviu primeiro como sede do Serviço Postal Otomano. Foi totalmente remodelado em 1882 por *Fakhry Bey*⁹⁸ então presidente do município que, ao que parece, tinha um grande interesse pela arquitetura, e serviu como sede do governo local. De 1926 até sua infeliz demolição em 1960 (tornando-se o *Cinema Rivoli*), este pitoresco edifício foi usado como sede oficial de sucessivos presidentes libaneses. O que faltava ao diminuto *Serail* em tamanho, fez na sua arquitetura requintada, uma representação dos estilos neoclássico e neobarroco da época.

97. Manouk Avedissian mais conhecido por Bechara Affendi é referido como um dos fundadores da arquitetura e do urbanismo libanês.

98. Antigo presidente do município de Beirut.



Fig.60. Grand Serail



Fig.61. Petit Serail

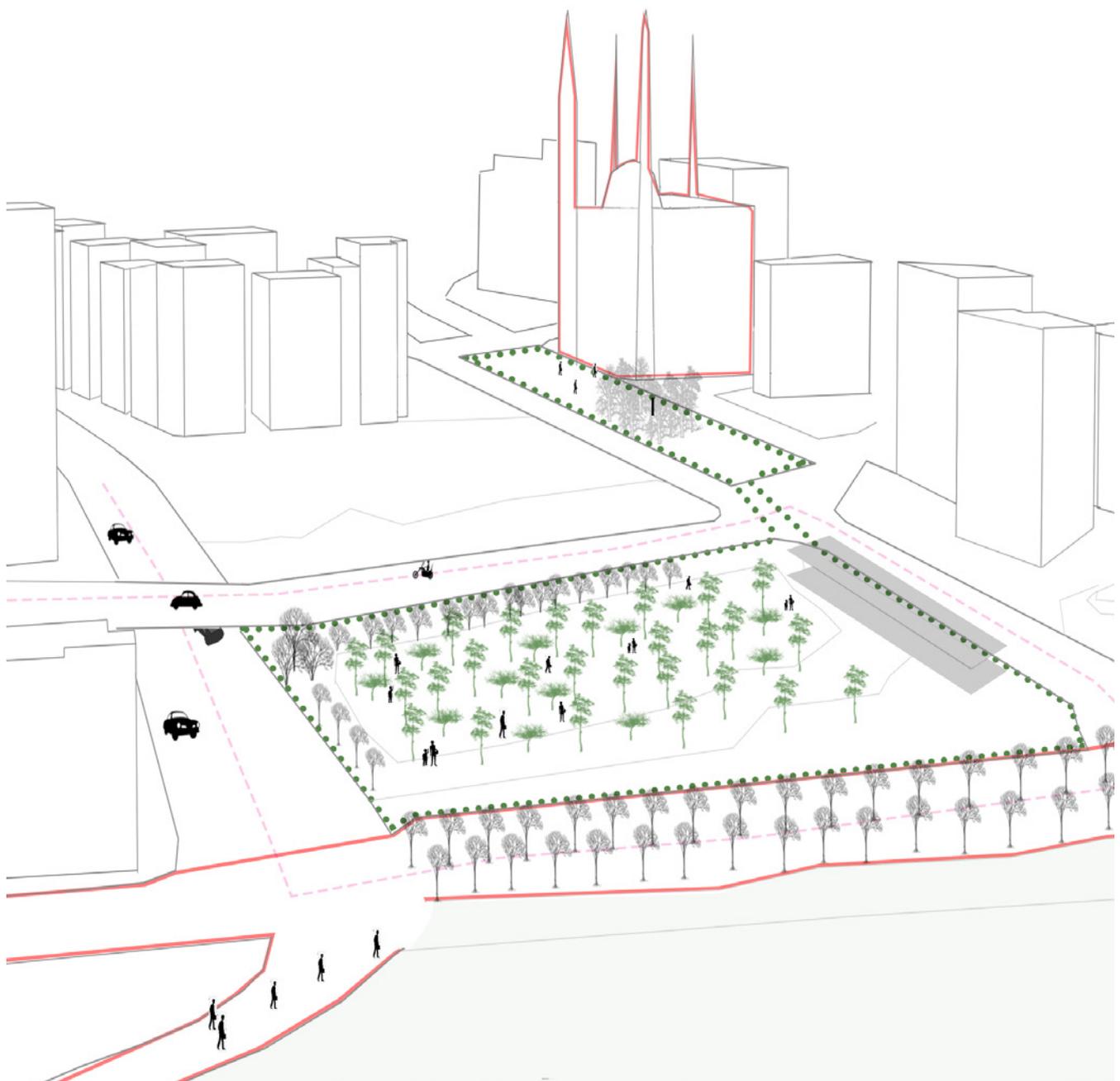


Fig.62. Possível ligação verde entre a Praça e a frente de mar com o enquadramento da estrada, Charles Helou. Elaborado pelo autor.

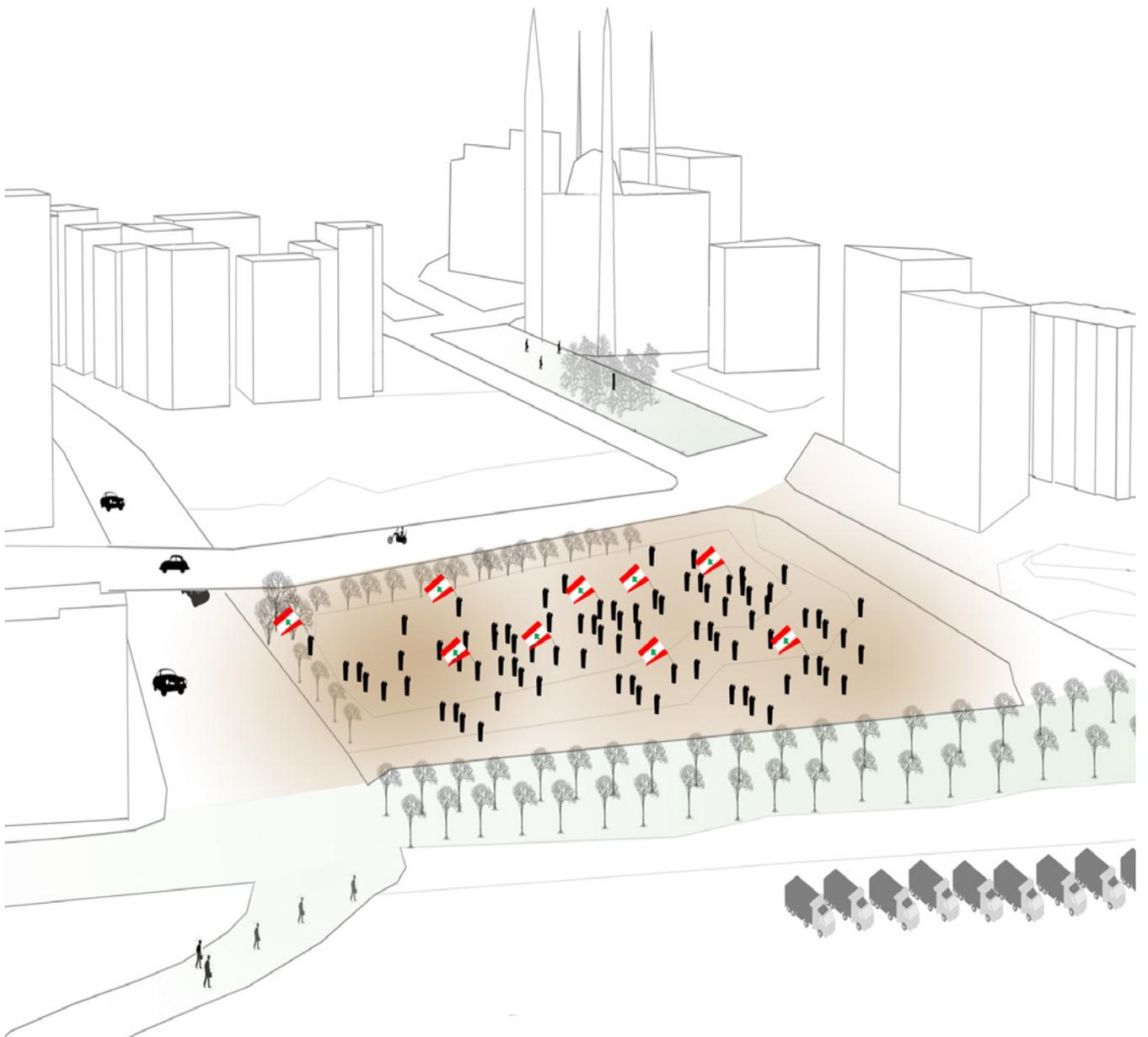


fig.63. Possível cenário de turistas a chegarem pela antiga saída de passageiros pelo Terminal de Cruzeiros, encontrando um evento de manifestação. Elaborado pelo autor.

Espaço de União e Liberdade

A 14 de fevereiro de 2005, uma bomba rebentou onde estava *Rafik Hariri*, tendo levado à sua morte. Esse acontecimento acabou por afetar a Baía de *Saint George*⁹⁹, o local da explosão. A morte de *Rafik Hariri* foi comparada à dos Mártires.

“Embora poucos membros do público na época soubessem da conexão simbólica entre a colocação do túmulo de *Hariri* e a futura colocação permanente do Memorial dos Mártires de *Mazzacurati*.” (24)

Várias consequências surgiram em protesto depois desse ato, várias manifestações em torno da Estátua dos Mártires na **Praça** foram o que teve mais impacto.” A intenção de renovar o debate público e as futuras perspectivas do país fez renascer novamente o espírito da Praça” (33). Este local foi transformado num protesto coletivo que ultrapassava as lealdades fracionárias e divisões dentro da sociedade. Este momento está destinado a ser um dos divisores na história política e urbana do Líbano, que poderá vir a ser uma referência para as bases de outros povos no médio oriente. A juventude libanesa manifestou-se de uma forma tão convincente, que acabou por criar um sistema de resistência com novas visões sobre o país. A verdade é que este acontecimento veio provar que a **Praça** continua a ter um papel importante na cidade e um valor para a comunidade, por ser o “palco” destes momentos relevantes e reativar uma mobilidade política que não costuma ser casual. “A praça sempre teve o historial de ser um local de diversidades de subculturas e de uma atividade política.” (25)

99. Baía localizada a norte de Beirut, onde anteriormente estava localizado o Hotel de Saint George.

Devemos olhar para a visão de *Albert Hourani*¹⁰⁰, que afirma que “a cultura política libanesa dividia-se entre duas ideologias diferentes que se uniram com a criação do *Greater Lebanon* em 1920.” Por outro lado, havia o “Monte Líbano”, uma sociedade rural, homogênea, de religião maronita como referência, que possui uma identidade própria e uma visão política independente e cristã. Na outra esfera, estão as comunidades urbanas e as cidades litorais, principalmente muçulmanos sunitas, mas que convivem bem com os ortodoxos e os cristãos. No fundo estamos a falar de uma comunidade comercial aberta ao mundo, quase como se as comunidades se misturassem e vivessem em paz. Em suma, acabamos por estar a falar de dois contextos de vida no Líbano, a Cidade e a Montanha.

Alguns objetivos da proposta inicial ao *Solidere*, de julho de 1998, descrevem bem a visão e a perspectiva do “Jardim do Perdão” como chave de reconstrução e reabilitação: “Um jardim em que as pessoas podem reunir forças e inspiração, um lugar para reflexão calma e gentil. Um jardim para a introspeção individual, um santuário acessível a todos. De forma a quebrar o ciclo milenar de violência tão presentes no Líbano (em particular na **Praça**), devemos refletir que num povo, nenhuma ação é mais potente que o perdão. A educação, a prosperidade económica, o bem-estar social e todos os esforços de integração contribuem muito para omitir os medos e esclarecer equívocos entre comunidades diferentes.

100. Historiador libanês britânico, especializado na história e estudos do Médio Oriente.

O “Jardim do Perdão” é uma oportunidade maravilhosa para os libaneses aprofundarem sobre o que é realmente importante nas suas identidades coletivas, para alcançar uma paz cultural e política duradoura. É um lugar simbólico que pode interligar gerações passadas, presentes e futuras.

Pela sua própria essência, o Jardim deve ser um espaço aberto a todos, não obscurecido por interesses especiais sociais, políticos, religiosos ou financeiros. Deve ser um lugar de inclusão e não de exclusão.

A localização do jardim entre as diferentes igrejas e mesquitas reforçará o simbolismo de unir a população, como um espaço transcendente e neutro, que dará cara à reconstrução e dará personalidade e alma ao centro de Beirute. Independentemente da classe ou afiliação, poderá ser o motivo para visitar o centro, para algo que não seja compras de negócios ou pontos de venda de cultura popular e entretenimento. O jardim irá reconectar os libaneses à sua herança, expor o passado ao diálogo e fornecer uma ponte de esperança para o futuro.





Fig.64. Jardim do Perdão

Sobreposição histórica

Pelo fato de ser um espaço central e com alto significado histórico, esses valores explicam a sobrevivência de uma comunidade aberta e pluralista. Por isso é que ainda nos dias de hoje se descobrem novas interações com o passado, na zona da Baixa de Beirute. Um exemplo disso está relacionado com a morte de *Rafik Hariri*, acabou por ser enterrado junto a um parque arqueológico, um pedaço de terra que tinha sido escavado a três metros abaixo do nível da rua que revelou várias ruínas de diferentes períodos do passado do Líbano, o Jardim falado anteriormente.

As escavações arqueológicas no centro de Beirute, não muito diferente de outros locais ricos em camadas de história e identidades culturais, revelaram problemas. Todo o processo do conhecimento do patrimônio deve ser desenterrado e preservado, pois é acompanhado de emoções profundas. Também é impressionante por ter sido uma experiência de duas versões, ou seja, por mais feia que tenha sido a guerra nas suas manifestações destrutivas e dolorosas, resultou que o país enriquecesse em patrimônio arqueológico. Ao demolir porções tão grandes do centro antigo da cidade, a guerra forneceu acesso a muitos dos tesouros escondidos da antiga cidade de Beirute. Até ao momento, foram escavados 136 lotes urbanos com um total de 14.000 metros quadrados. Isso naturalmente trouxe consigo a perspectiva de desmistificar os 5.000 anos de história contínua de Beirute. No processo, o centro da cidade de Beirute pós-guerra é transformado num museu ao ar livre.

No meu entendimento, seria uma experiência fantástica a população poder refletir em relação a toda a rica história do seu País e da sua cidade; poderem entender que debaixo do solo está uma imensa história, alguma já descoberta e uma desconhecida por descobrir. A cidade, principalmente nesta zona da Baixa, tem vindo a ser construída em cima do destruído, mas durante um curto espaço de tempo, ou seja, a mudança do espaço está constantemente a acontecer, o que dificulta os planeamentos e a estabilidade urbana.

Poderá ser um momento delicado, esse pensamento de relembrar momentos de fracasso ou de glória, mas o espaço em si também prospera o futuro, porque as nossas ações do presente podem vir a ser relembradas por gerações futuras; por isso façamos agora, o melhor para Beirute.

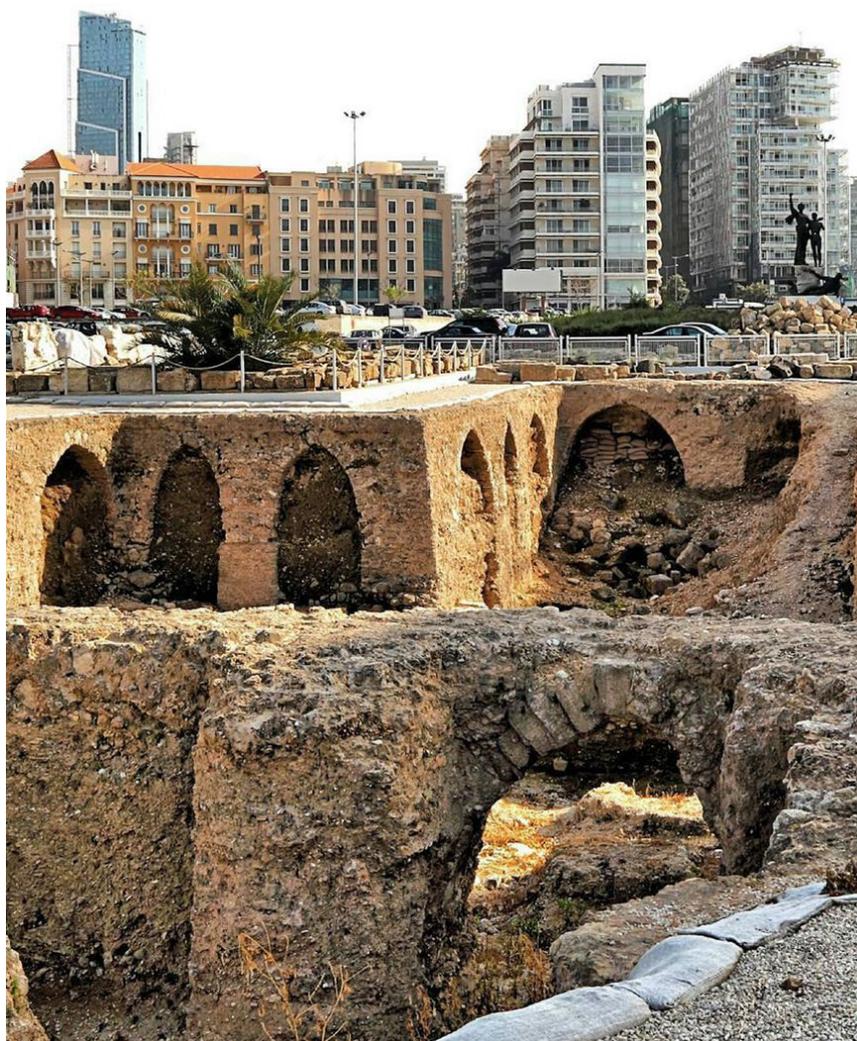


Fig.65. Ruínas do Petir Serail.

Proposta de Reativação da Praça dos Mártires





Fig.66. Montagem de uma estrutura imposta no espaço, que comunica com o existente. Elaborado pelo autor.

Estratégia

O reconhecimento dos eixos que cruzam e criam uma divisão no espaço, apesar de ser parte da problemática, permite a ligação da zona do *Solidere* e os Bairros de *Gemmayzeh*, *Achrafieh* até à **Praça**; o mesmo acontece com o eixo existente da estrada para *Damascus* até ao Mar. A nomeação de marcos importantes na cidade é o reconhecimento de hierarquia do desenho existente. Também a possibilidade da introdução do verde neste espaço permite criar duas dinâmicas diferentes no espaço, definindo o que é o vazio da nova **Praça** com o corredor verde.

No contexto de hoje observamos que existe uma liberdade na ocupação de espaços quando num contexto de protesto. Isto acontece para passar uma mensagem que a comunidade libanesa tem o “poder” da apropriação da cidade, como se fossem detentores do espaço. O “Ovo” é mais um dos espaços afetados pela Guerra que impediu a finalização do projeto da nova sala de espetáculos de Beirut.



Fig. 67. Ortophotomapa da estratégia. Elaborado pelo autor

Projeto

A **Praça** é também lembrada por ter a presença de um elemento de água, no entanto havia o limite que redesenhava e “virava as costas” ao mar. No que existe atualmente, há uma boa oportunidade de criar uma ligação visual e se possível palpável, que se define como ser o elemento de água.

O verde que está presente em locais pontuais da cidade, tende a convergir para o espaço da **Praça**. No intuito da Arquitetura complementar este local, introduz-se um novo marco na cidade, algo que dinamizará o Porto e a própria frente marítima, seguindo a proposta de Grupo “*Walking Beirut*”. A interrupção do verde em certos momentos cria caminhos com ligação aos espaços públicos da cidade. Uma estrutura leve guiará o visitante até uma Torre que por sua vez ligará à zona da doca (antiga Base Naval).

1. Ovo e Praça da Estrela
2. Jardim do Perdão
3. Estátua dos Mártires
4. Ruínas do Petit Serail
5. Mar

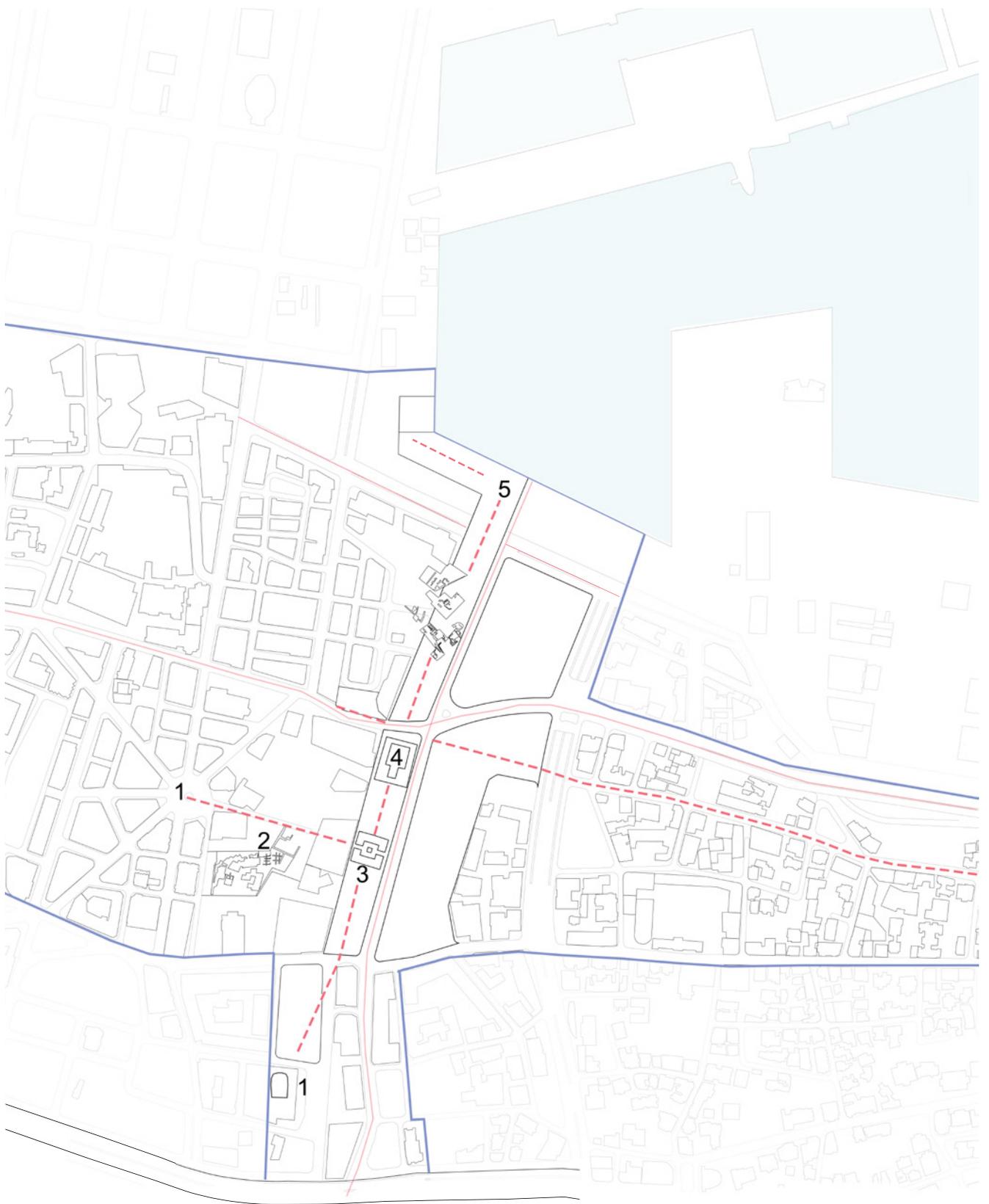


Fig.68. Planta esquemática com os eixos e o limite da intervenção. Elaborado pelo autor





Fig.69. Porto de Beirute, 1930's

“*Sunken Garden* é uma personificação do interesse do artista na conexão da arte e da arquitetura com a natureza. A peça inclui referências e reflexões sobre o mundo natural, tanto nos materiais como na estrutura, mas também é uma parte coesa do terreno urbano em que se insere. *Noguchi* acreditava que os espaços públicos eram essenciais para qualquer comunidade, e o *Sunken Garden* atua como uma inesperada área meditativa no meio do caos de Wall Street, em Nova York. A presença deste elemento num bairro movimentado compensa a nitidez dos arranha-céus e praças que envolvem o espaço.” (26)

“*Memorials to the Atomic Dead* de *Noguchi* é uma proposta não realizada de Isamu Noguchi para um memorial cenotáfio, originalmente proposto em 1952 para o Parque da Paz de Hiroshima e repensado na década de 1980, para sua instalação original na Área 6 do Museu. As exposições de companheiros na Área 5 e na Área 3 examinam as propostas e esculturas de *Noguchi* explorando as consequências do uso de armas atômicas contra a humanidade em Hiroshima. Em 1982, esperava ter o seu Memorial aos Mortos Atômicos erguido em Washington, DC, como um protesto significativo contra a bomba”. (27)

Além dos casos de estudo anteriormente referenciados no trabalho de grupo *Walking Beirut* que foram utilizadas para a realização desta proposta, os trabalhos de *Isamu Noguchi*¹⁰¹ refletem bem o tipo de espaço que imaginava que pudesse reativar a Praça, acabando pelas suas obras serem uma inspiração para mim.

101. Artista e arquiteto paisagista americano durante 1920-1980, ficando mais conhecido pelas suas esculturas e obras de arte públicas.

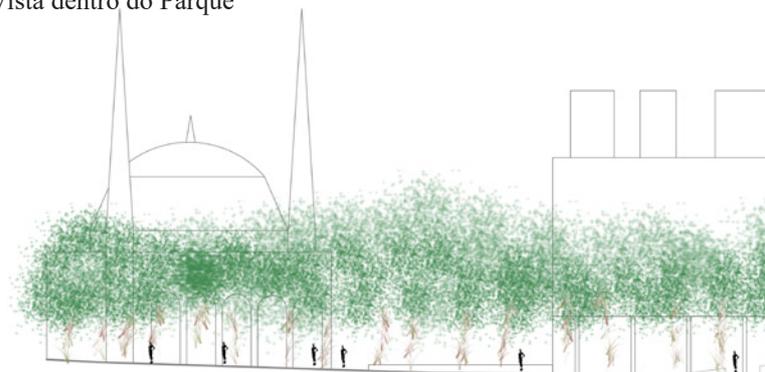


Fig.70 Sunken Garden, Isamu Noguchi.

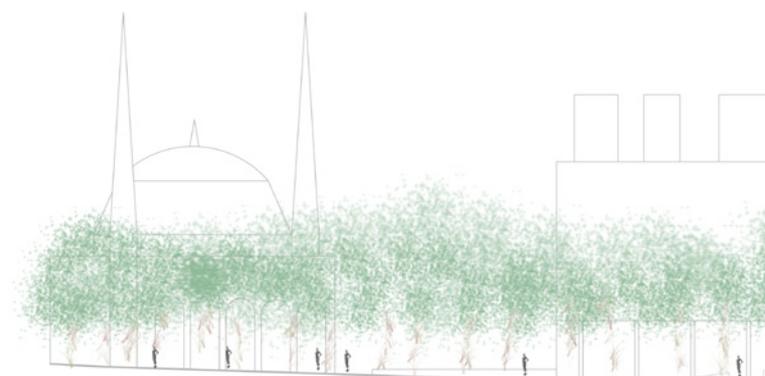


Fig. 71. Memorials to the Atomic Dead ,Isamu Noguchi.

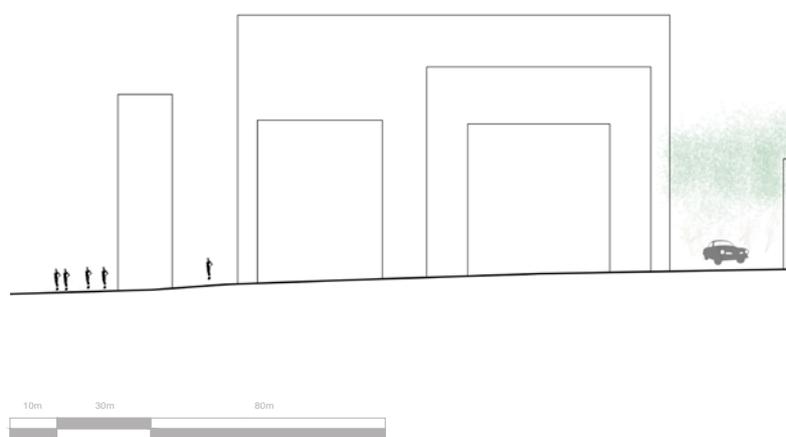
Vista dentro do Parque



Vista de Gemmayzeh



Vista da Baixa



Um parque que poderá ser o “pulmão verde” da cidade de Beirute, acompanha a forma da **Praça** e o início da estrada para *Damascus*. Este espaço tem o propósito de lazer com uma tipologia de uns bancos que vão buscar a referência do trabalho de grupo e das escalas da própria **Praça**, através do quadrado, que desenharam um percurso que conecta pontos de interesse na zona. Atividades ao ar livre podem acontecer neste local. Através dos eixos da cidade (estratégia): um eixo liga *Gemmayzhe* à Baixa e direciona ao novo Pórtico da cidade; um outro eixo liga a estrada *Charles Helou* ao espaço verde da extensão da Praça, que nos recebe com um espaço sobre uma plataforma que é um anfiteatro onde pode acontecer concertos, espetáculos de teatro e eventos religiosos. Esse espaço proporciona uma “simbiose visual” do mar com a zona arbórea.

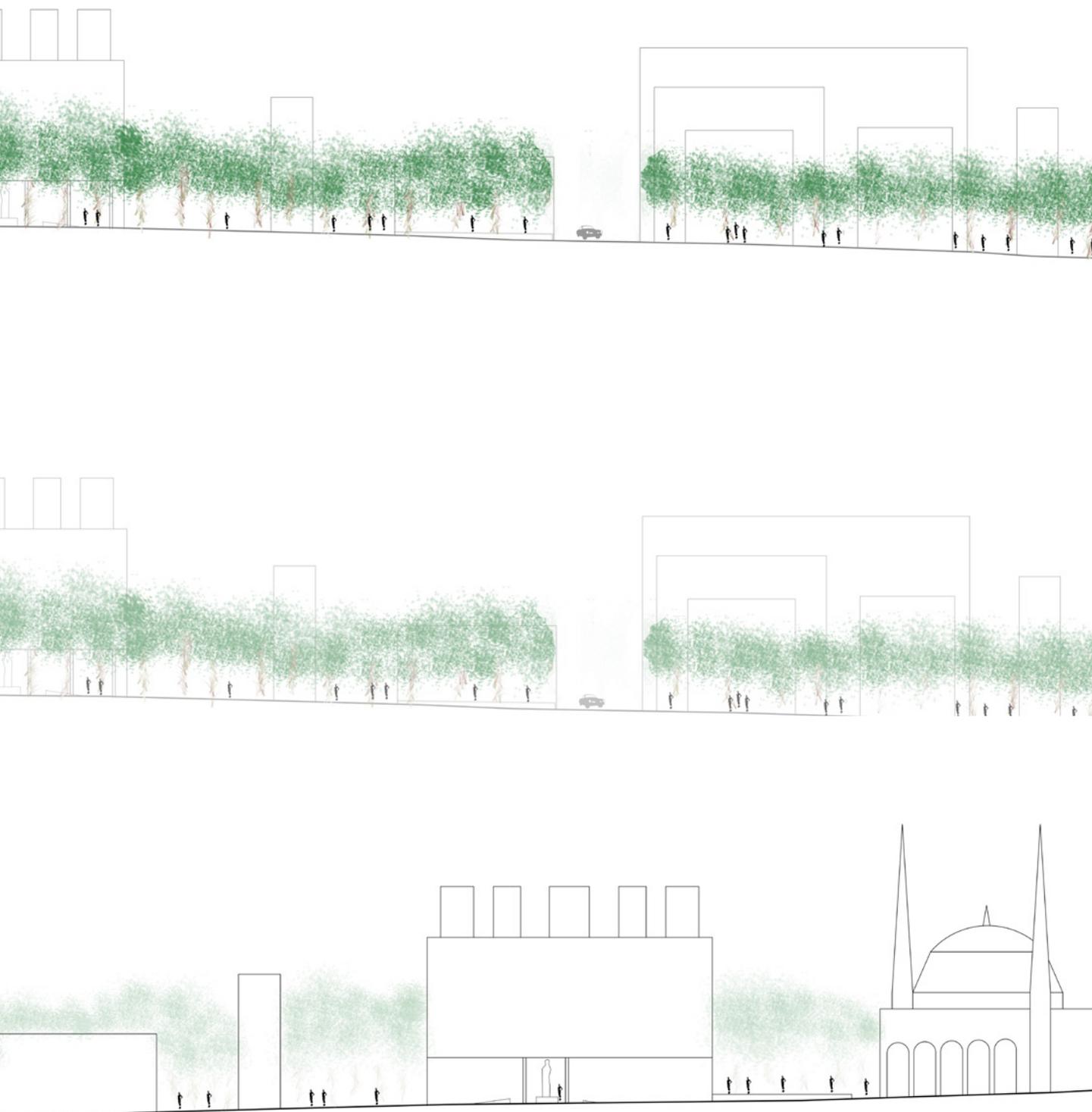


Fig.72. As três intensidades de massa arborea vista de diferentes pontos da cidade. Elaborado pelo autor.



Lebanese Oak

O Carvalho Libanês, mais conhecido como *Lebanese Oak*¹⁰² é uma árvore nativa do Oriente Médio. O carvalho libanês tem folhas decorativas, alongadas e finas, muitas vezes assimétricas com uma ponta ligeiramente pontiaguda. A folhagem fica amarela dourada durante o outono. No início da primavera, amentilhos amarelos aparecem na árvore. A altura pode variar entre 8-15 metros de altura consoante a sua idade. Podemos encontrá-la mais presente na zona do Monte Líbano.

102. Árvore característica do Líbano.

Figura 73. Carvalho Libanês

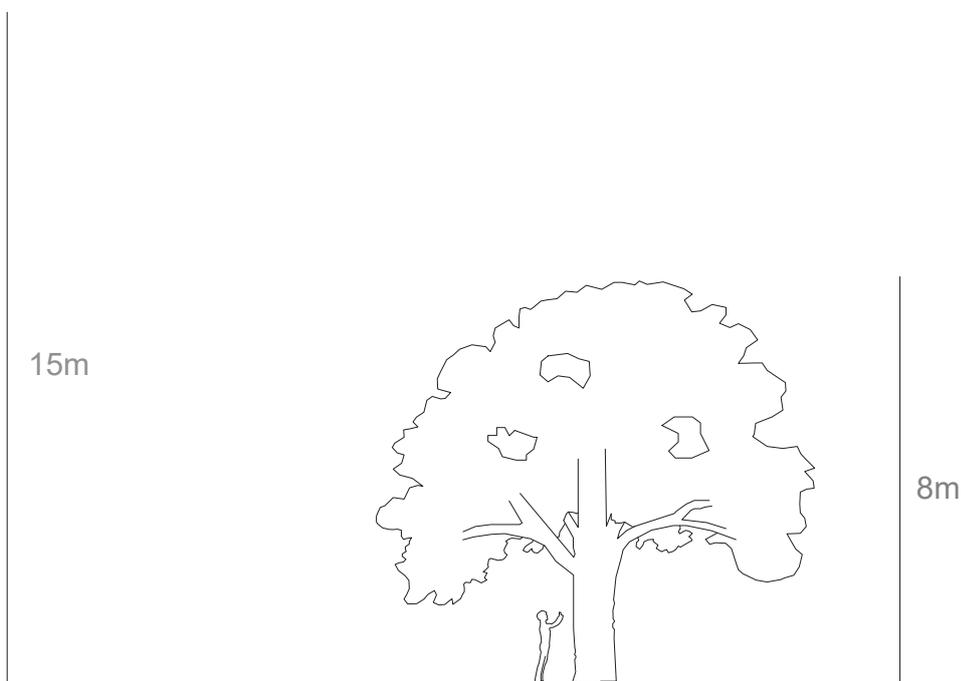
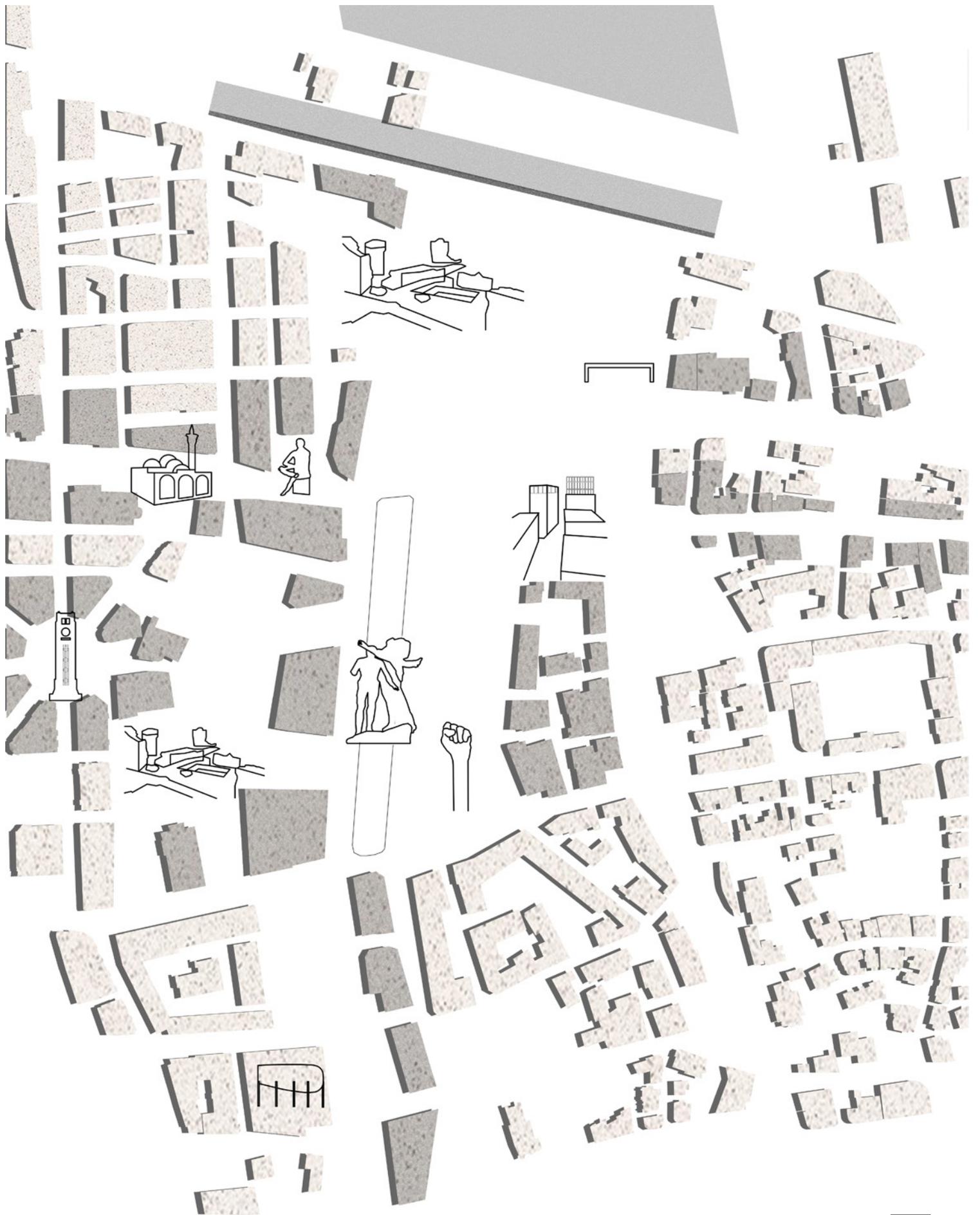


Figura 74. Desenho do Carvalho Libanês. Elaborado pelo autor.

Surge então a intenção de ligar os marcos da cidade através de um percurso que estabeleça conexão entre estes espaços e os por resolver além do que é chamada de **Praça**. A área de influência pretende ligar este eixo às pré-existências e por sua vez devolver a ideia de centralidade que este espaço teve, não de uma maneira de acolher multidões de turistas durante todo o ano, mas de não haver receio de recordar memórias e de passar no lugar. Dar a possibilidade deste lugar pertencer à cidade de Beirut.

Fig.75. Mapa dos marcos e do existente na Praça e na sua envolvente. Elaborado pelo autor



Edifícios relevantes para o projeto



Camada da cidade



Intervenção na Praça

À escala da **Praça** pretende-se redesenhar o espaço de maneira a conectar as pré-existências através de um percurso. Este percurso tem como objetivo transmitir que debaixo da “terra” existe uma história que conta os **acontecimentos** do local, a sobreposição de civilizações. “*A história recente de uma cidade escondida através das fachadas das novas construções*” (38).

Por isso, propõe-se uma escavação que direciona às Ruínas “Jardim do Perdão”, permitindo caminhar sobre a Ruína. O mesmo espaço escavado é iluminado por uma abertura que envolve a Estátua dos Mártires, que consequentemente à cota da **Praça**, define o limite fechado da estrutura que outrora permitia estar junto a Estátua; isto com a intenção de uma maior preservação da mesma. No último ponto enterrado da proposta, pretende-se o direcionamento ao espaço verde que é não mais que o prolongamento do eixo que conecta a “*Place de l’Etoile*”.



Fig.76. Planta à cota da Praça.
Elaborado pelo autor



Um eixo de centralidade, que liga a Praça à zona da sua extensão, o *Ancient Tell*¹⁰³, que conta com registros dos tempos cananeu, fenício, persa e helenístico, é acompanhado pela nova construção de uma estrutura leve à mesma cota da **Praça**, criando a ideia da extensão de um plano que permite criar um percurso para observar os vestígios arqueológicos.

No seguimento do grande objetivo da valorização da sobreposição histórica e pelo fato de ainda haver muita história por descobrir sobre as terras da zona da Baixa, na zona abaixo escavada da **Praça**, é proposto uma zona de investigação e trabalho para equipas de arqueólogos, com o objetivo de descobrir a “cidade invisível” e poder eventualmente haver uma expansão do próprio projeto no futuro, criando uma nova cidade no nível subterrâneo.

103. Zona arqueológica a norte da Praça dos Mártires.



Fig.77. Nível escavado, abaixo da Praça. Elaborado pelo autor



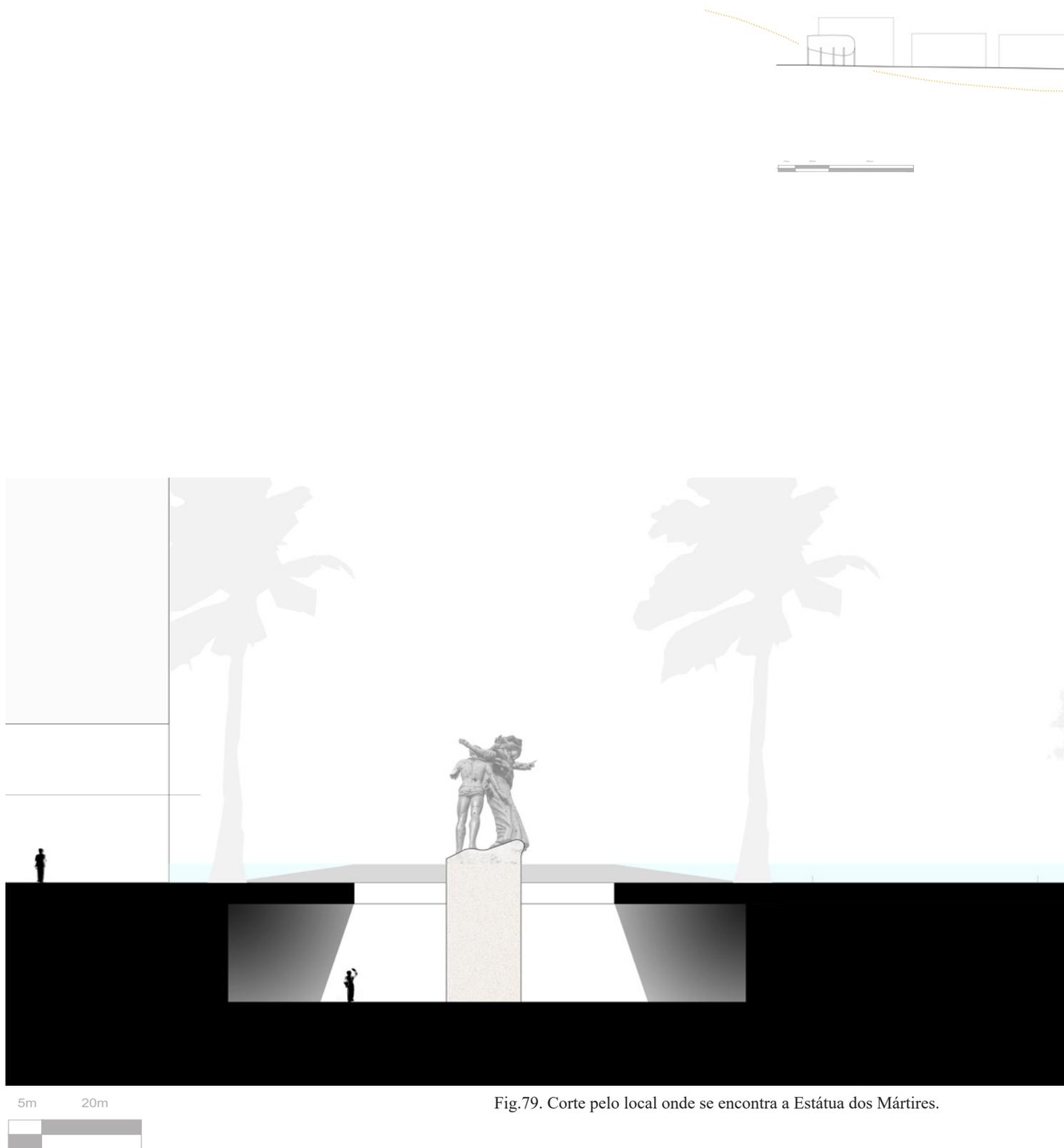


Fig.79. Corte pelo local onde se encontra a Estátua dos Mártires.

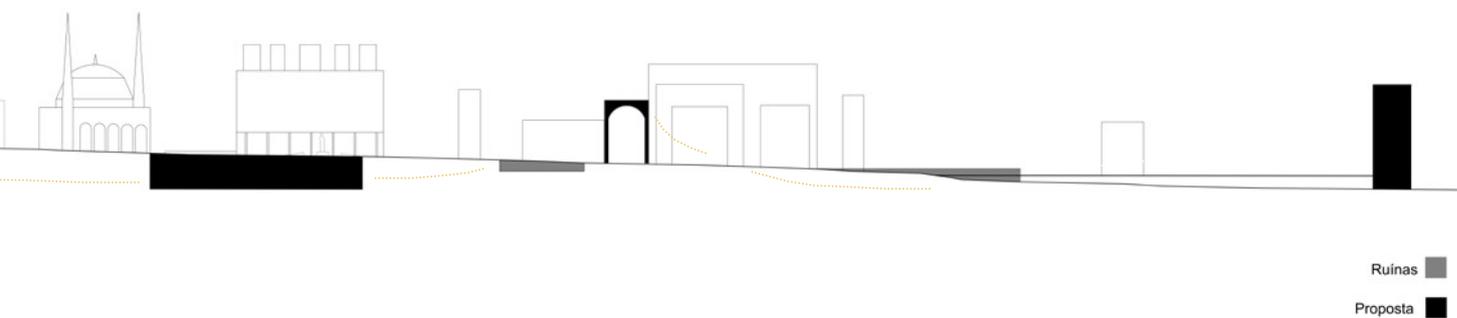


Fig. 78. Corte esquemático que relaciona a proposta com as ruínas existentes e o percurso que é proposto ao longo do eixo. Elaborado pelo autor

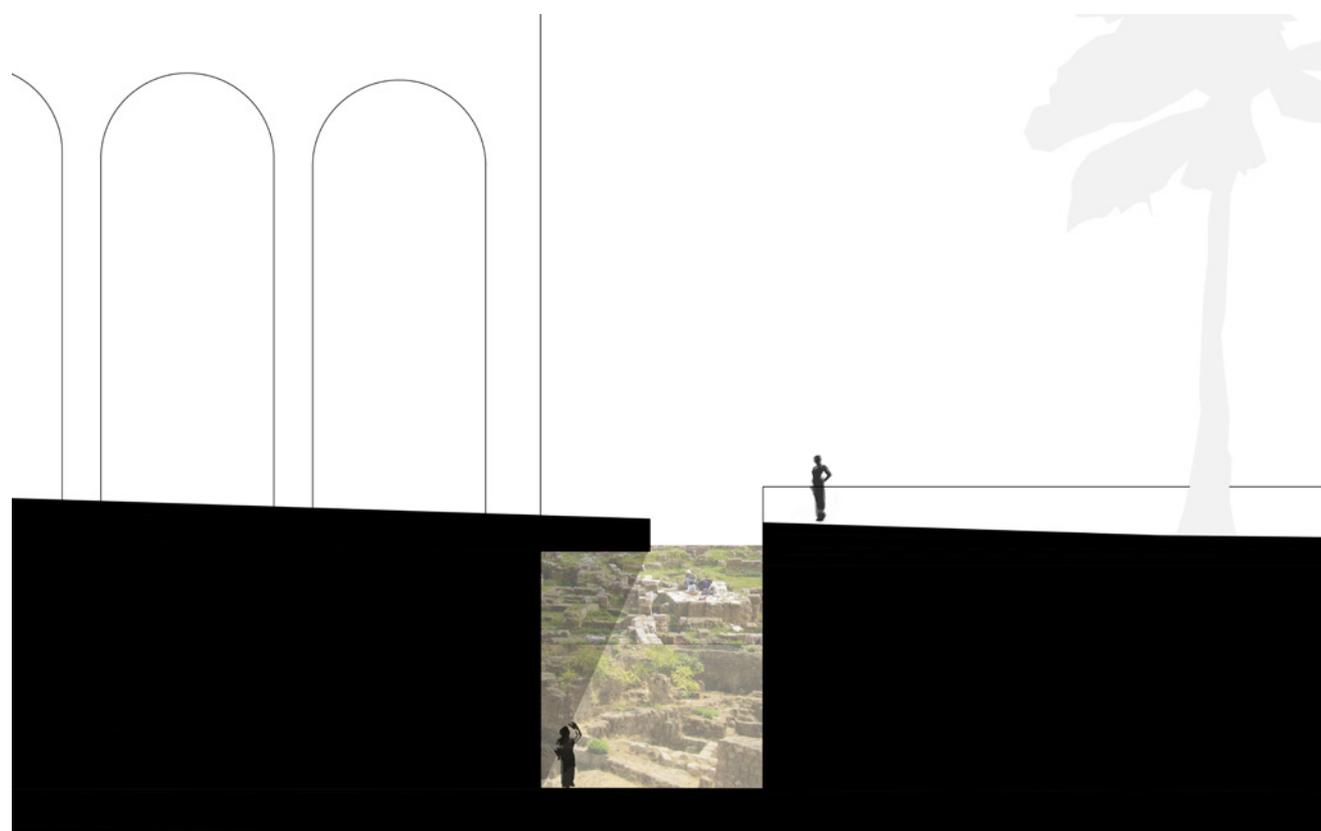
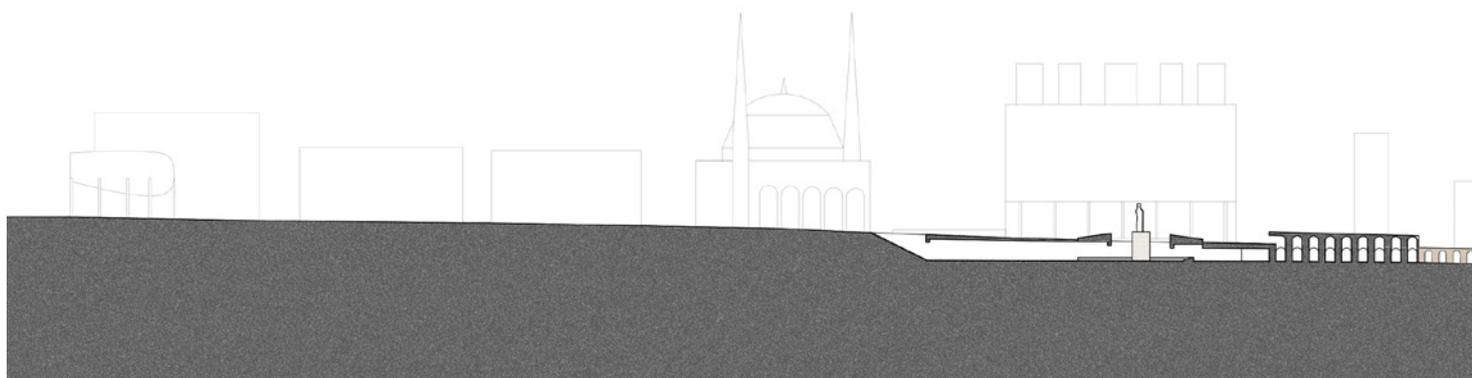
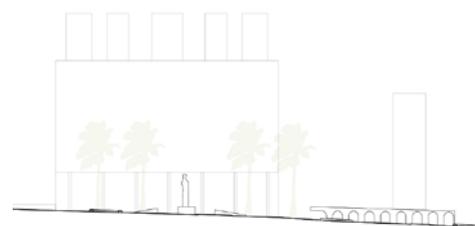


Fig.80. Corte relacionado à ligação pedonal ao Jardim do Perdão.

Um elemento na cidade se ergue em forma de Arco (como uma recriação do antigo Pórtico, *Bad El Saraya*; a principal entrada para a cidade através da muralha) com relação com às ruínas do *Petit Serail* situado a noroeste da **Praça**. O acesso é feito através das ruínas ou à cota da **Praça**. Um novo marco na cidade que permite a passagem para a extensão da **Praça** e a ligação da zona moderna da cidade com a zona histórica, podendo dar a observar ambos os lados da cidade através do seu ponto mais alto, como um miradouro.



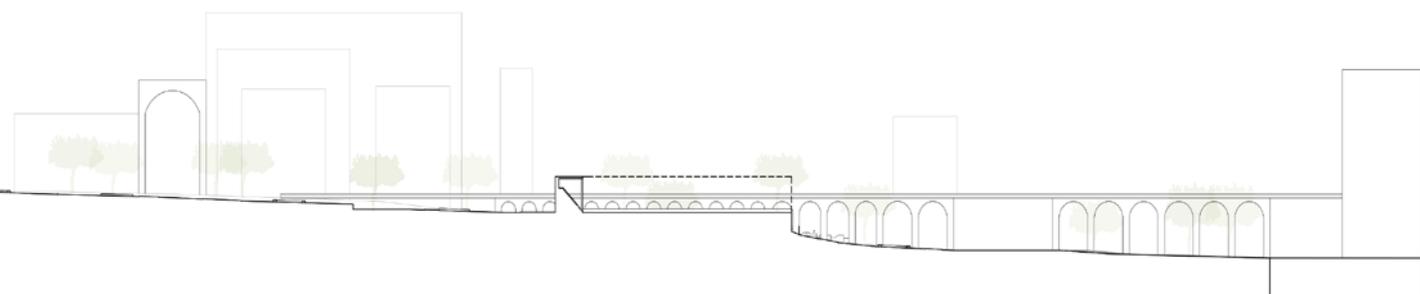


Fig. 81. Corte pelo Anfiteatro. Elaborado pelo autor.

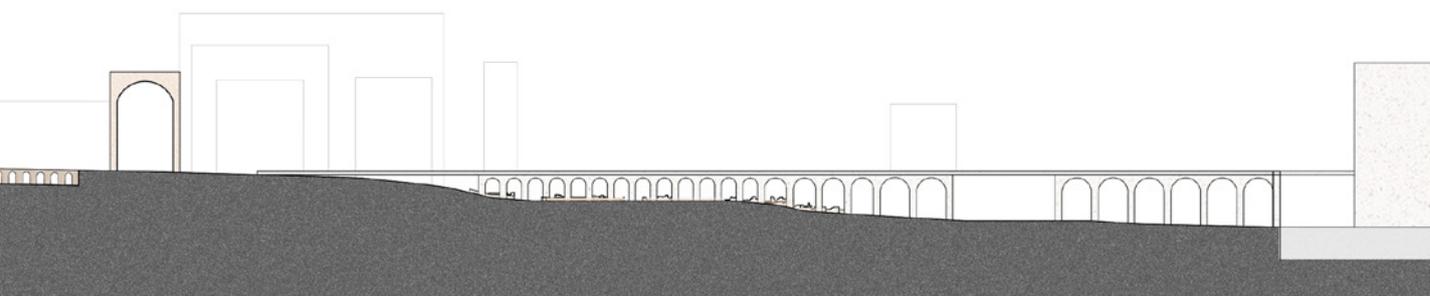
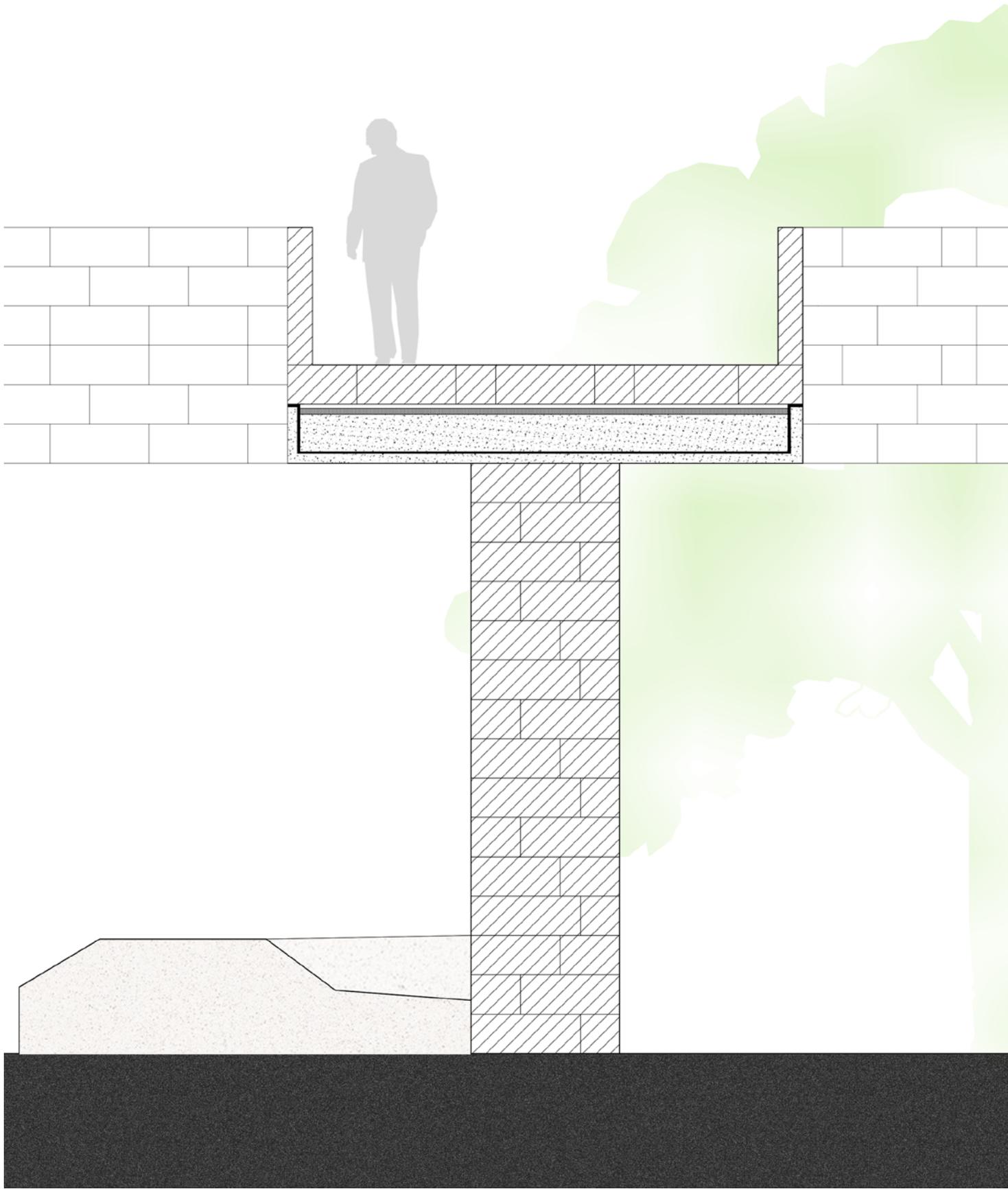


Fig. 82. Corte pelo eixo desde a Praça até ao mar. Elaborado pelo autor.



1m 5m



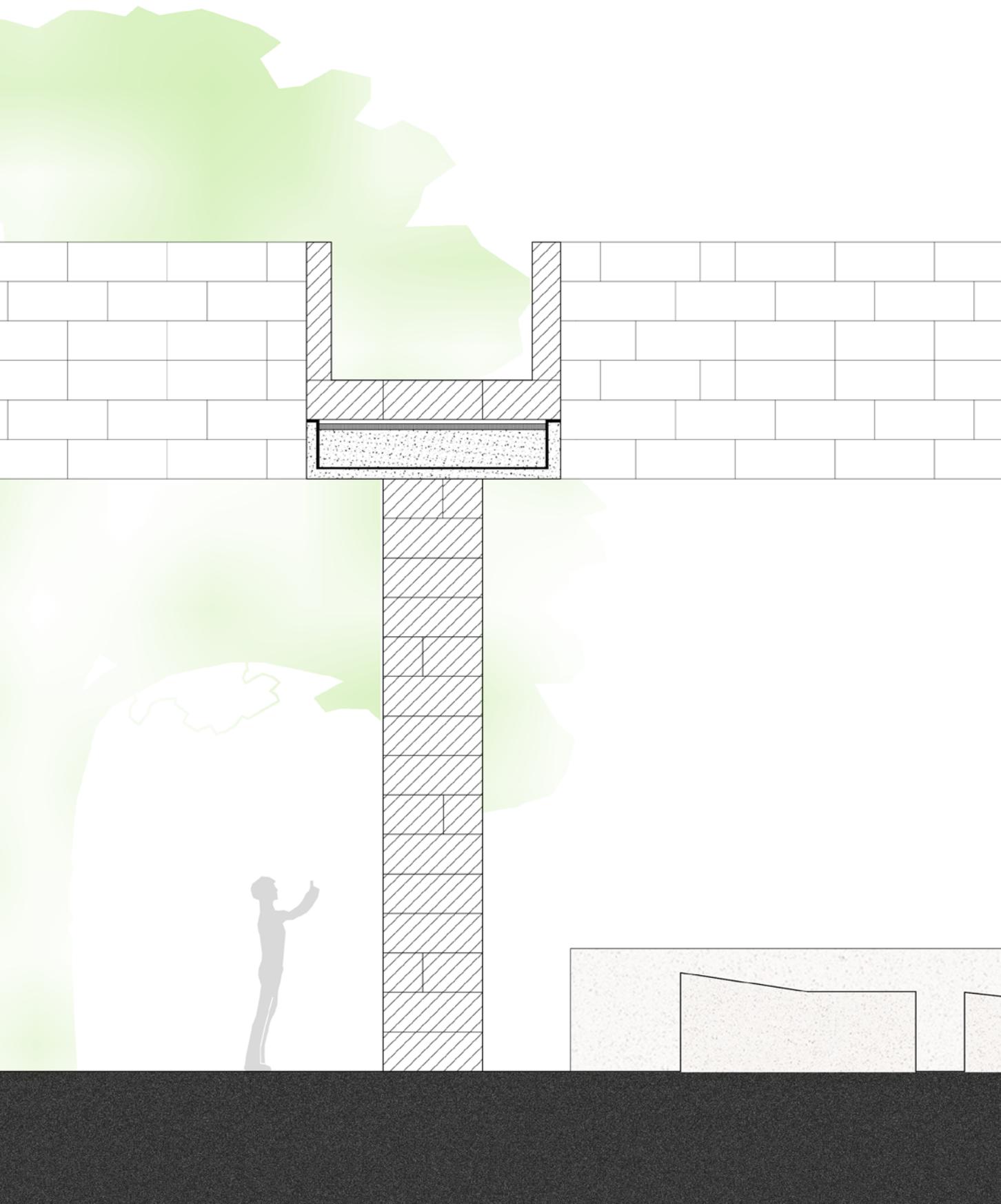
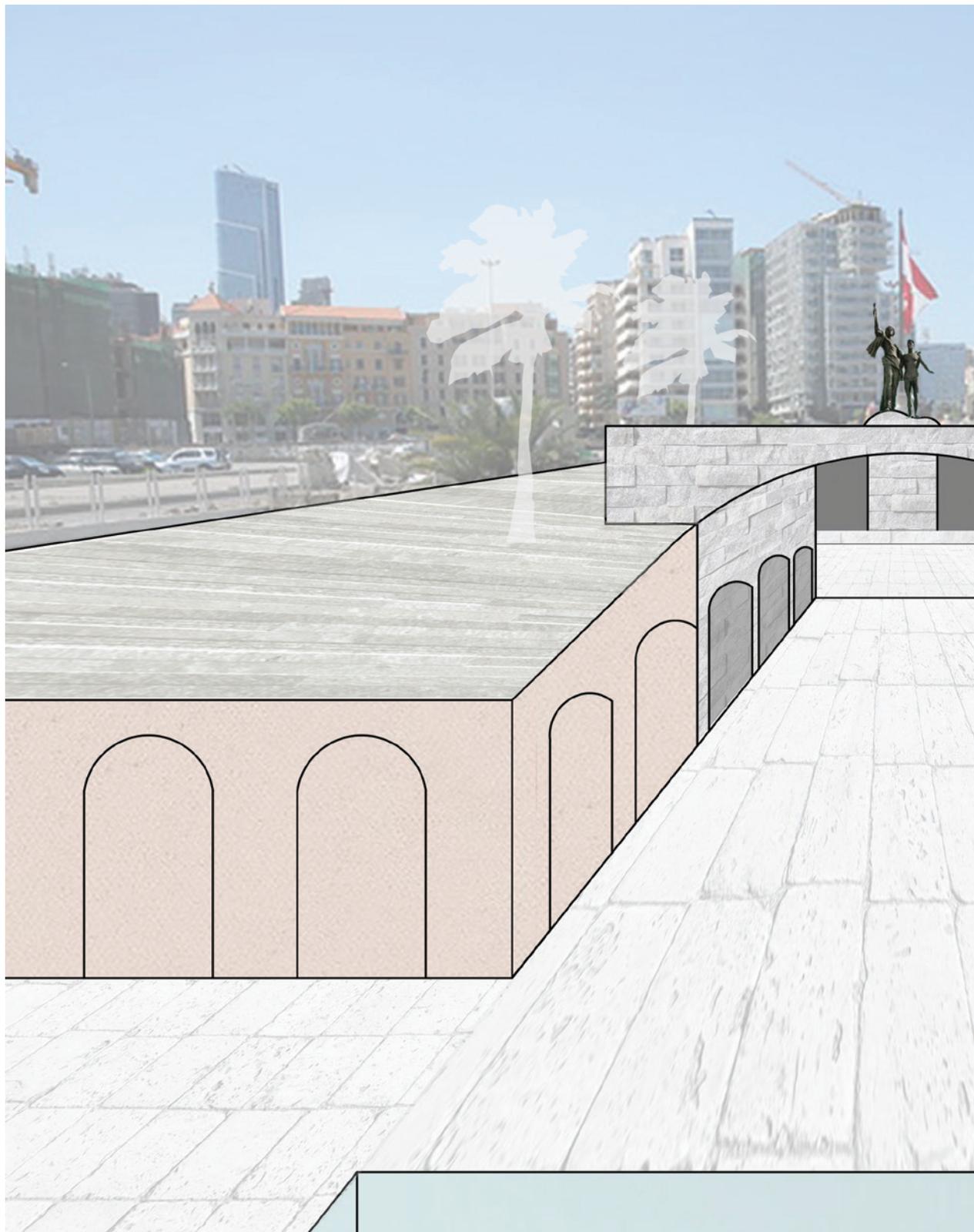


Fig.83.Corte construtivo pela estrutura pedonal. Elaborado pelo autor.



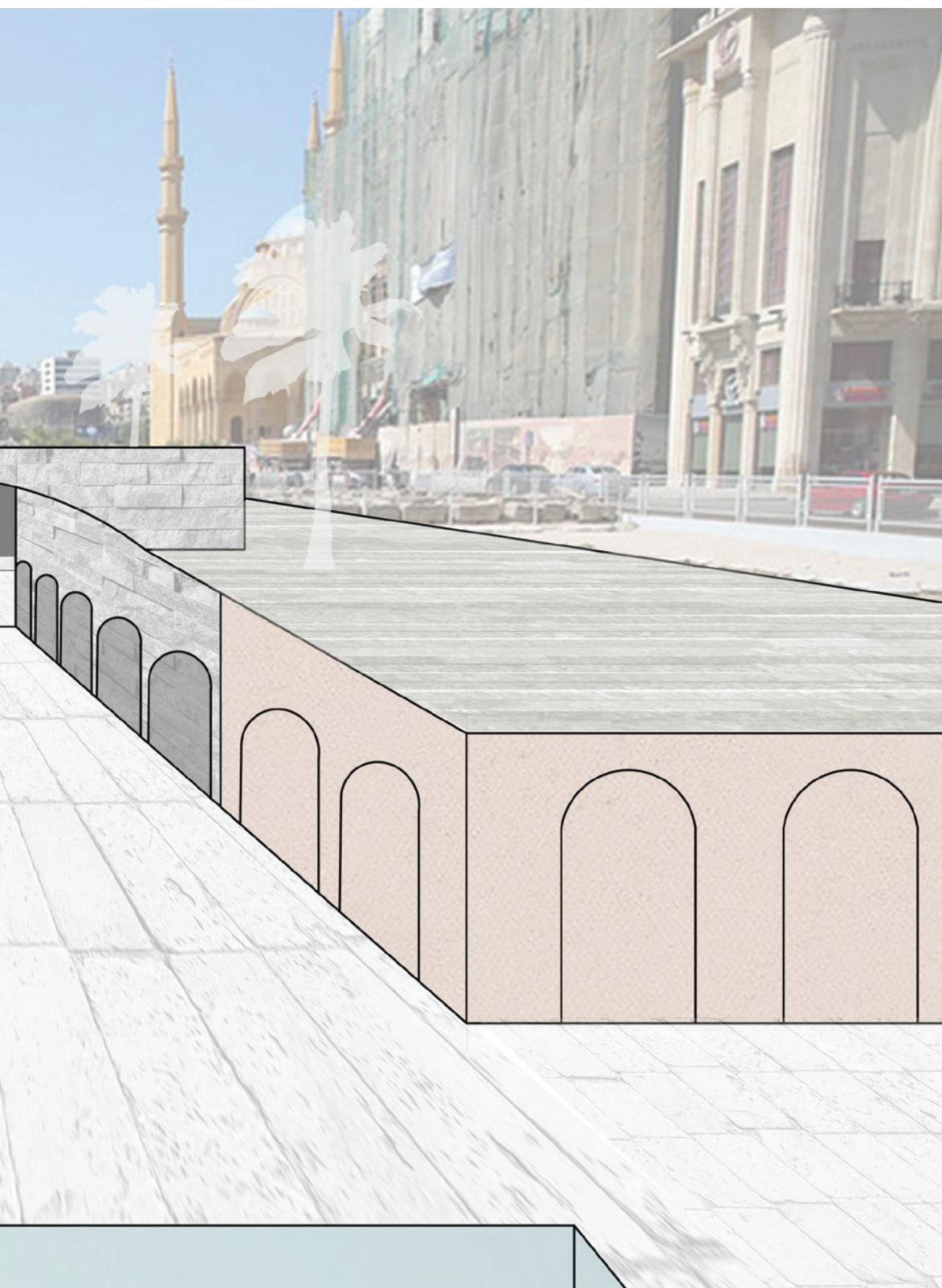


Fig.84. Espaço arquitetônico proposto para a Praça. Elaborado pelo autor





Fig.85. Praça dos Mártires durante o Império Otomano.

V. Conclusão

Desta forma, o projeto procura uma resposta á reativação da Praça dos Mártires, voltando a trazer a centralidade e a importância na cidade que outrora o espaço já teve. Dinamizar este espaço dará a oportunidade de um começo de renovação dos espaços públicos na cidade, começando pela Praça dos Mártires que é considerado o centro da cidade.

A introdução da massa arbórea na cidade contribui para um sistema ecológico mais eficaz e sustentável, o que também tornará o espaço convidativo e acolhedor. O espaço poderá ser integrado num percurso verde espalhado pela cidade.

O projeto é desenhado sobre os eixos existentes, fazendo a conexão da cidade entre os marcos e o mar, os bairros e a Baixa. Estes eixos pretendem entrar em harmonia com as pré-existências arqueológicas e poderem evidenciar de alguma forma os marcos da cidade, como a Estátua dos Mártires. Manter a estrada para Damascus sempre foi um objetivo na proposta, pois tem uma alta importância comercial e histórica, fazendo parte do “Grande eixo de Beirute” que permite a ligação de Beirute ao Monte Líbano.

No fundo a reativação da Praça dos Mártires e as suas conexões pretendem recuperar o sentimento de união da nação libanesa. Transmitir que estes espaços podem quebrar as “barreiras” sociais e as diferenças religiosas, ou seja, ser um espaço inclusivo para todos.

Portanto, a junção destes objetivos, o fato de se reconhecer a história rica da cidade e o poder relembrar momentos lamentáveis do passado com uma perspectiva positiva de futuro; assim vamos conseguir reativar os espaços públicos da cidade e valorizar a sobreposição história existente.

VI. Bibliografia

Referências Bibliográficas

1. HAJER; REINJDORP, Maarten; Arnold- *In Search of New Public Domain*. Utrecht: NAI Publishers, 2001, p.7. (traduzido)
2. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006, Pág. 40. (traduzido)
3. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006, Pág. 41. (traduzido)
4. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006, Pág. 51. (traduzido)
5. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006, Pág. 42. (traduzido)
6. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006, Pág. 45. (traduzido)
7. COELHO, Alexandra – Líbano, Labirinto. Portugal: Caminho, 2021.
8. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006, Pág. 132 (traduzido)
9. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006, Pág. 56. (traduzido)
10. Carla Aramouny- *Beirut Shifting Grounds*. Beirut. Temporal / Reclamation. Consultado em: <https://beirutshiftinggrounds.com/Temporal>
11. VOLK, Lucia- *Memorials Martyrs in Modern Lebanon*. Bloomington: Indiana University Press, 2010, p.164. (traduzido)
12. VOLK, Lucia- *Memorials Martyrs in Modern Lebanon*. Bloomington: Indiana University Press, 2010, p.170. (traduzido)
13. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006, Pág. 86. (traduzido)
14. 20. Referência do trabalho de “Grupo das *Infraestruturas*” da turma, Autores: Adriana, Anastasyia, Luísa, Ismail.
15. VOLK, Lucia- *Memorials Martyrs in Modern Lebanon*. Bloomington: Indiana University Press, 2010, p.73. (traduzido)
16. VOLK, Lucia- *Memorials Martyrs in Modern Lebanon*. Bloomington: Indiana University Press, 2010, p.19. (traduzido)
17. VOLK, Lucia- *Memorials Martyrs in Modern Lebanon*. Bloomington: Indiana University Press, 2010, p.70. (traduzido)
18. VOLK, Lucia- *Memorials Martyrs in Modern Lebanon*. Bloomington: Indiana University Press, 2010, p.99. (traduzido)
19. VOLK, Lucia- *Memorials Martyrs in Modern Lebanon*. Bloomington: Indiana University Press, 2010, p.109. (traduzido)
20. VOLK, Lucia- *Memorials Martyrs in Modern Lebanon*. Bloomington: Indiana University Press, 2010, p. 154. (traduzido)
21. VOLK, Lucia- *Memorials Martyrs in Modern Lebanon*. Bloomington: Indiana University Press, 2010, p.78. (traduzido)
22. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006, Pág. 32. (traduzido)
23. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006, Pág. 171. (traduzido)
24. VOLK, Lucia- *Memorials Martyrs in Modern Lebanon*. Bloomington: Indiana University Press, 2010, p.166. (traduzido)
25. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006, Pág. 231. (traduzido)
26. Emilie Murphy- **Elephant** [em linha]. New York, 27 Maio 2022. [15 novembro.2022] Disponível em: <https://elephant.art/rocks-and-the-city-isamu-noguchis-sunken-garden-is-an-oasis-of-calm-in-nyc-27052022/> (traduzido)
27. Noguchi’s Memorials to the Atomic Dead- **Noguchi** [em linha]. New York, 2 Junho 2021 – August 15 2021. [15 novembro.2022] Disponível em: <https://www.noguchi.org/museum/exhibitions/view/memorials-to-the-atomic-dead/> (traduzido)

Referências de imagens

Consultadas em:

- Fig.2. <https://stateofmind13.com/2012/06/22/pictures-from-old-beirut/>
Fig.3. <https://edition.cnn.com/2012/08/09/middleeast/gallery/beirut-nightlife/index.html>
Fig.4. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Martyrs_Square_1982.jpg
Fig.5. <https://oldbeirut.com/post/180134829913/beirut-general-view-1930s/amp>
Fig.6. COELHO, Alexandra – Líbano, Labirinto. Portugal: Caminho, 2021.
Fig.7. COELHO, Alexandra – Líbano, Labirinto. Portugal: Caminho, 2021.
Fig.8. COELHO, Alexandra – Líbano, Labirinto. Portugal: Caminho, 2021.
Fig.10. <https://www.lebanoninapicture.com/pictures/beirut-martyrs-square-in-1960>
Fig.11. <https://twitter.com/Tweetistorian/status/1351205195531886592/photo/1>
Fig.13. <https://www.meisterdrucke.com/kunstdrucke/Leander-Russ/697353/Ansicht-des-Hafens-von-Beirut.html>
Fig.16. https://www.lebanoninapicture.com/pictures/beirut-1880s_6
Fig.19. <https://www.prints-online.com/place-des-canons-martyrs-square-14356212.html>
Fig.22. <https://i.pinimg.com/originals/53/f7/06/53f7068160d56881dc8359736da4646b.jpg>
Fig.25. <https://www.lebanoninapicture.com/pictures/martyrs-square-place-des-canons-beirut-1930>
Fig.28. <https://oldbeirut.com/post/174561253088/martyrs-square-1958>
Fig.31. https://www.lebanoninapicture.com/pictures/beirut-martyrs-square-1966_1
Fig.34. <https://nourmagazine.com/arts-and-culture/fouad-elkoury/>
Fig.37. <https://c8.alamy.com/zooms/9/6f912a83244745979a9746ed28443687/2cd7h4e.jpg>
Fig.40. <https://www.lebanoninapicture.com/pictures/beirut-martyrs-square-2004>
Fig.43. <https://www.archdaily.com/941408/public-spaces-places-of-protest-expression-and-social-engagement/5ee07c40b357655b9e0000d5-public-spaces-places-of-protest-expression-and-social-engagement-photo>
Fig.51. <http://hiddenarchitecture.net/bellinzona-bathhouse/>
Fig.52. <http://hiddenarchitecture.net/a-new-mam-for-sao-paulo/>
Fig.53. <https://www.architonic.com/en/project/diller-scofidio-renfro-high-line/5106071>
Fig.54. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006
Fig.55. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006
Fig.56. KHALAF, Samir- *Heart of Beirut*. Inglaterra: SAQI, 2006
Fig.57. <https://www.lebanoninapicture.com/pictures/martyrs-square-statue-1960s>
Fig.58. <https://catherinecattaruzza.com/works/beirut-year-zero/>
Fig.59. <https://www.beirut.com/l/60081>
Fig.60. <https://www.pinterest.pt/pin/lebanon-grand-serail-beirut-1937--300474606359892779/>
Fig.61. https://en.wikipedia.org/wiki/Petit_Serail
Fig.64. <https://www.solidere.com/city-center/solidere-developments/open-spaces/garden-forgiveness>
Fig.65. <https://www.lebanoninapicture.com/pictures/ancient-phenician-ruins-in-beirut-s-martyrs-square-wit>
Fig.69. <https://oldbeirut.com/post/166353705568/beirut-harbor-1930s>
Fig.70. <https://elephant.art/rocks-and-the-city-isamu-noguchis-sunken-garden-is-an-oasis-of-calm-in-nyc-27052022/>
Fig.71. <https://www.noguchi.org/museum/exhibitions/view/memorials-to-the-atomic-dead/>
Fig.73. <http://www.discoverlebanon.com/en/photos/img2096.search.htm>
Fig.85. <https://www.lebanoninapicture.com/pictures/martyrs-square-1898>

